

2

Espírito Santo: horizonte histórico e teológico

Para entender e captar a riqueza, a profundidade e a abrangência da pneumatologia de Víctor Codina é preciso situá-la no horizonte cristão.

Ao chamar de *cristãos* os fiéis de Antioquia (At 11,26), Paulo enfatiza a identidade que decorre do Batismo e implica o seguimento de Jesus Cristo, ou seja, uma adesão que engloba toda a vida, suas relações, o modo de ser e existir. Tudo se organiza em referência a *Jesus Cristo*, de forma tão profunda e abrangente, que faz de seus seguidores outros *cristos*.

Segundo Codina, é preciso fundamentar o sentido desse seguimento. Se Deus é a nossa salvação, só Ele pode e quer nos salvar. Em Jesus Cristo, e somente n'Ele, Deus se autocomunica, se dá plenamente à humanidade²⁰.

A Conferência de Aparecida captou o sentido fundamental desse seguimento ao dizer que, conhecer Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber, encontrá-Lo é o melhor que pode ocorrer em nossas vidas e torná-Lo conhecido é a nossa maior alegria (DAp 29).

O centro essencial e único do cristianismo é a revelação de Deus à criatura. Em Jesus, Deus achega-se à humanidade, caminha com ela, se dá a conhecer; possibilita-lhe aproximar-se da divindade, e ao tocá-La diviniza-se.

A Encarnação é o modo pelo qual Deus escolheu para vir ao encontro dos anseios profundos da humanidade, a comunhão com o Divino, se autocomunicando no Espírito, naquele pelo qual o imperscrutável Deus Uno e Trino se comunica aos homens (VD 1). Sem essa experiência pessoal de Deus, em Cristo e no Espírito, não há fé, nem teologia cristã, uma vez que não é possível ter contato com Deus senão pelo Espírito²¹.

O encontro com Jesus é possibilitado pelo Espírito que move o coração humano a segui-Lo. É o Espírito que suscita a sede de Deus, dispõe o coração humano a despojar-se de si próprio e aderir à vontade divina. O Espírito entra e vivifica onde, como e quando lhe apraz (Jo 3,8). Somos cristãos porque, mediante o Espírito, o Senhor nos encontra, e o encontro com Sua Pessoa redefine o horizonte da nossa vida (DCE 1). Portanto, uma “vida cristã autêntica tem de ser vida no Espírito”²², o qual predispõe o ser humano a “abrir-se ao mistério do Deus vivo e inefável”²³, revelado em Jesus Cristo.

²⁰ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*. Una iniciación a la Pneumatología. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, v. 166, 2008, p. 18.

²¹ *Ibid.*, p. 18-19.

²² *Ibid.*, p. 22.

²³ *Ibid.*, p. 20.

Graças ao Mestre Interior é possível escutar os apelos de Deus e compreender o que se ouve, quando ainda não se tem condições de captá-lo (CT 72). O Espírito prometido e enviado ensina todas as coisas, recorda tudo quanto Jesus disse e fez (Jo 14,26), guia todos à verdade e anuncia as coisas que hão de vir (Jo 16,13).

Conforme Santo Agostinho, “o Espírito Santo instrui os fiéis segundo a capacidade espiritual de cada um. Acende nos seus corações um desejo cada vez mais vivo, à medida que cada um vai progredindo na caridade, levando-o a amar aquilo que já conhece e desejar o que ainda não conhece” (CT 29). Contudo, em razão dos imperativos da cristandade, a Igreja prioriza doutrinas, normas e ritos e deixa de propor uma mistagógica²⁴. Afasta-se da experiência originária e deixa a vida cristã à mercê das crises históricas e eclesiais.

A Encarnação do Filho é decisiva na relação da humanidade com Deus e questiona a experiência espiritual unilateral. Deus revela seu desejo ardente de comunicar-se e de caminhar com seu povo mediante o Espírito. Ele falou pelos sábios e profetas de Israel. Por último, “desceu dos céus, se encarnou por obra do Espírito Santo no seio de Maria, e se fez homem”²⁵.

A humanidade, porém, permanece diante do Absoluto, do Insondável e do Indecifrável. Inclina-se e aguarda pelo encontro definitivo em que a luz ocupará o lugar das trevas.

A Revelação, entendida como ação de Deus na História, na Encarnação do Verbo alcança sua plenitude, mas seu acolhimento é lento, vai se dando de forma dinâmica. Cristo, Palavra de Deus, confere sentido às palavras humanas que evoluem com a História, revestindo-as sempre de novos significados²⁶.

A Escritura é “Palavra de Deus que se nos comunica através de palavras humanas” (VD 29). Em Cristo, a Revelação atinge o seu fim, cabe a nós penetrar no mistério da Fé, mediante o Espírito. O tempo da Igreja é o tempo do Espírito, no qual Cristo veio e permanece vivo entre nós.

²⁴ O diálogo de Jesus com os discípulos de Emaús é o melhor exemplo para falar de mistagogia (Lc 24,13-35). Felipe também explica as escrituras de tal modo que o Eunuco fica fascinado e pede para ser introduzido no mistério (At 8,30-31; 34-35). A mistagogia tem a função de anunciar com fervor o querigma, conduzir a um encontro vivo e pessoal com Jesus Cristo, a um mergulho nas riquezas do Evangelho, à iniciação na vida e missão da comunidade cristã, à participação sacramental na vida divina (DAp 289). O termo mistagogia vem do grego. É composto do substantivo *mystes* [mistério], que deriva do verbo *mue,w* [myein] que significa, calar-se, iniciar aos mistérios; e do verbo *agein* = conduzir, guiar. Mistagogia (*mystagogéin*) é a ação de guiar, conduzir a pessoa para dentro do mistério de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo e no rito que o celebra (SC 19; PO 4-5).

²⁵ Proclamação da fé Niceno-Constantinopolitana.

²⁶ Cf. RATZINGER, J. *Lembranças da minha vida*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 83.

2.1. Experiência espiritual, berço da teologia cristã

Diante da missão da Terceira Pessoa da Trindade, a falta de um tratado de Pneumatologia é inconcebível. A teologia sistemática não considera a riqueza teológica das experiências espirituais de uma “nuvem de testemunhas” (Hb 12,1), vividas no seguimento de Jesus. No entanto, os mistérios do Reino são revelados aos pobres e pequenos (Lc 10,21), e, portanto, eles têm algo a dizer. E o Concílio Vaticano II reconhece o sentido da fé que o Espírito suscita no Povo de Deus (LG 12).

A ação do Espírito impulsiona todos os seres à vida plena e as teologias se enriquecem ao descobrir algo que ainda não se evidenciou da Verdade Plena.

A experiência feita por um antropólogo na Tribo Ubuntu²⁷ ilustra a ação do Espírito Santo que faz o Reino acontecer em toda parte. “Existem efeitos carismáticos do Espírito, consistentes em novos conhecimentos e em novas formas de vida cristã orientadas para decisões novas, das quais depende o avanço do Reino de Deus”²⁸. Contudo, a distância estabelecida entre a teologia e a espiritualidade carrega suas consequências ainda em nossos dias.

Até o século XIII, as teologias são mais pneumáticas, espiritualizadas, vivas, caracterizadas por uma razão que se inclina à mística; a liturgia e a oração constituem espaços fecundos de conhecimento teológico. Os teólogos são santos e a teologia é mais sapiencial, centrada na Palavra de Deus²⁹. Nos tempos que se seguem, a teologia se adapta ao mundo que se racionaliza; ao valorizar demais a lógica, a razão e a ciência, cai na excessiva dogmatização, que afeta a experiência cristã. A *Devotio Moderna*³⁰ assinala a ruptura entre a

²⁷ Ao terminar seu estudo sobre usos e costumes da tribo Ubuntu, enquanto aguardava o transporte para retornar, um antropólogo propôs uma brincadeira às crianças. Preparou uma bela cesta com doces e guloseimas e a deixou debaixo de uma árvore. Chamou as crianças e combinou que ao dizer: “já!”, elas deveriam correr até a cesta e a que chegasse primeiro ficaria com todos aqueles doces. As crianças se posicionaram na linha demarcada e ao sinal dado, todas se deram as mãos e saíram correndo em direção ao cesto, distribuindo os doces entre si e comendo felizes. Perplexo, o antropólogo perguntou-lhes por que agiram desse modo. E elas responderam: “Ubuntu, tio. Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?” Ubuntu significa “Sou quem sou, por quem somos todos nós”. “Uma pessoa é uma pessoa por causa das outras pessoas”. (Ditado sul africano da tribo Ubuntu. Disponível em: <<http://www.guiasulfluminense.com.br/blog/?p=32142>>. Acesso em: 04.06.11).

²⁸ RAHNER, K. *Apud* CODINA, V. No extingáis el Espíritu., p. 77.

²⁹ CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual*. Santander: Sal Terrae, 1977, p. 16.

³⁰ A vida dissoluta do século XIV leva Gerd Groote a abandonar a clausura e tornar-se um pregador itinerante e, com o desejo de reformar a Igreja, surgem os *Irmãos e irmãs da Vida Comum* que vivem a pobreza, a humildade, a obediência e a autonegação, dando origem ao movimento da *Devotio Moderna*, retratada no livro *Imitatio Christi* (Imitação de Cristo).

especulação teológica e a piedade cada vez mais intimista, quando a teologia se torna pouco pneumática e a espiritualidade pouco teológica³¹.

Segundo o testemunho da Escritura e da Patrística, sem experiência espiritual não há teologia e toda teologia verdadeira nasce da experiência espiritual. A história da salvação é a história do Espírito que agita a superfície das águas primordiais (Gn 1,2), guia Israel, desce sobre Maria (Lc 1,35) e sobre Jesus (Mt, 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22). Este é o dom messiânico que o Ressuscitado faz à Igreja e ao mundo (At 1-2). Esta é Igreja que encontra na Escritura uma reflexão autêntica da experiência espiritual de Israel e da Igreja primitiva, e, portanto, segundo o autor, deve reconhecer que a vida no Espírito e a dimensão pneumática da História constituem o primeiro lugar teológico³².

No contexto do Concílio Vaticano II ganha força uma nova experiência espiritual, a partir da periferia da Igreja e do mundo, onde as *sombras se estendem*, dando espessura a um submundo complexo e distante da Igreja oficial. Os teólogos conciliares, oriundos dessa realidade, atribuem o caráter teológico de uma sociedade não à confissão da fé, mas à prática dos valores cristãos. Nesse contexto, desabrocha a *Nouvelle Théologie*³³ que busca reintegrar a teologia e a espiritualidade.

Na América Latina, a teologia da libertação nasce da experiência do Senhor nos pobres, alimenta a fé do povo e recupera a dimensão profética da teologia³⁴. A Igreja se descobre diante de um mistério e de uma bem-aventurança³⁵. Aos pequenos são revelados os mistérios do Reino, ocultados aos sábios e entendidos (Lc 10,21). Os pequenos engendram atitudes e manifestam uma sede de Deus que só eles podem conhecer (EN 48).

O movimento não é compreendido pela Igreja, que usa o poder para dispersar, enfraquecer e extinguir a *novidade* que se ergue como voz profética³⁶. Mas o ensinamento de Santo Irineu continua válido ainda hoje: “Ali onde está a Igreja, ali está também o Espírito de Deus; e ali onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a Graça. E o Espírito é a Verdade”.³⁷ Essas considerações nos dão uma visão da atuação da Terceira Pessoa da Trindade, situando o horizonte deste estudo.

³¹ Cf. *Ibid.*, p. 17.

³² *Ibid.*, p. 18.

³³ A *Nouvelle Théologie* (Nova Teologia) é a denominação que recebeu a reação dos teólogos, sobretudo franceses e alemães, à Escolástica, propondo voltar às fontes da fé cristã, ou seja, às Escrituras e aos Padres da Igreja, em vista de uma reforma teológica fundamental, que se torna a raiz do Concílio Vaticano II.

³⁴ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 25.

³⁵ Id. *O credo dos pobres*. São Paulo: Paulinas, 1997, p. 7.

³⁶ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, pp. 25-26.

³⁷ IRINEU *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 26.

2.2. De Jesus de Nazaré à Igreja de Jesus Cristo

A vida cristã é vida no Espírito, vivida na comunidade eclesial, que tem em sua origem a presença e a atuação das *duas mãos* do Pai, como veremos a seguir. O processo histórico salvífico que vincula Jesus à origem da Igreja é tema divergente entre teólogos. No entanto, é fundamental ter uma clara posição, pois o *ser* e o *agir* eclesial está vinculado ao entendimento que se tem da gênese eclesial e da sua relação com Jesus Cristo e o Espírito Santo. Nesse horizonte, Codina identifica três tendências: a visão tradicional, a visão rupturística e a visão dialético-integradora.

Na *visão tradicional* a Igreja está em continuidade histórica com Jesus de Nazaré, como um prolongamento da encarnação do Filho de Deus³⁸. Jesus é o fundador de uma instituição religiosa que institui os sacramentos, escolhe os primeiros seguidores e os constitui com poderes (Mc 3,13-19; Mt 10,1-4; Lc 6,12-16), a confia a Pedro (Mt 16, 8-19; Lc 22,32; Mt 18,18; Jo 20,23) como chefe supremo, a quem cabe ligar ou desligar³⁹, abrir ou fechar o acesso ao Reino dos Céus. A estes, Jesus envia para batizar e evangelizar todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 28,19-20).

Essa eclesiogênese é demasiado terrena, pois sua ação fundamental é atribuída ao Verbo Encarnado. O mistério Pascal e o Pentecostes não desempenham nenhum papel em sua origem e o Espírito Santo só aparece para dar continuidade à Instituição, mas sem função na vida cristã.

A visão tradicional, ainda predominante, “não resiste a uma crítica exegética e teológica séria”⁴⁰. O termo *Igreja (ekklesia)* é citado apenas três vezes nos Evangelhos (Mt 16,18; 18,17) e a expressão *Reino de Deus* aparece mais de cem vezes, evidenciando a missão jesuana de anunciar o Reino de Deus e a sua proximidade (Mc 1,15; Mt 3,2).

Teólogos e exegetas modernos afirmam que Jesus tinha plena consciência de que “a escatologia irromperia definitivamente com Ele”⁴¹ e, portanto, a possibilidade de Jesus ter pensado numa instituição eclesial fica sem fundamento bíblico.

³⁸ Ibid., p. 72.

³⁹ *Ligar e desligar* são dois termos técnicos da linguagem rabínica que se aplicam primeiro ao domínio disciplinar da excomunhão com que se *condena* (ligar) e *absolve* (desligar) alguém, e mais tarde às decisões doutrinárias ou jurídicas, com o sentido de *proibir* (ligar) ou *permitir* (desligar).

⁴⁰ Ibid., p. 72.

⁴¹ Id. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1993, p. 39.

Historicamente, a comunidade cristã toma consciência de seu *ser* e de sua *missão* progressivamente. Aos poucos se abre aos gentios, estabelece o cânone das Escrituras, define os ministérios, o primado de Pedro e os sacramentos. Na experiência da comunidade dos seguidores de Jesus temos a raiz e o fundamento da Igreja (LG 8)⁴², mas, sem o vínculo com o Nazareno também não se pode compreender a Igreja.

Enquanto a visão tradicional não admite separação entre Jesus e a Igreja, a *visão rupturística* postula uma total descontinuidade entre Jesus e a Igreja, e a expressão mais eloquente é a de Loisy: “Jesus pregou o Reino e veio a Igreja”⁴³. A gênese da Igreja está circunscrita à fé pascal. Mas a impossibilidade de se compreender a Igreja desvinculada do mistério pascal e da efusão do Espírito Santo é uma intuição importante.

A postura *dialético-integradora* concebe uma relação processual entre o Nazareno e a Igreja. Enquanto garante uma continuidade entre Jesus de Nazaré e a Igreja, admite a descontinuidade, algo que se articula em uma perfeita comunhão, podendo-se afirmar que “há entre Jesus e a Igreja continuidade descontínua ou descontinuidade contínua”⁴⁴.

A Igreja tem vínculos com os doze, mas também sofre rupturas com a morte de Jesus, a dispersão dos seus seguidores e a vinda do Espírito Santo. Só a partir da Páscoa e do Pentecostes, os discípulos se constituem no grupo apostólico e o batismo configura adesão a Jesus Cristo e filiação à *ekklesia*. Em Jesus, o Reino de Deus se faz próximo e pela Igreja se abre a todos os povos.

Essa eclesiogênese resulta de dois princípios, a cristologia e a pneumatologia, que por um processo dinâmico evolui com a história. A Igreja vai se estruturando no tempo e ela própria se constitui em princípio de seus elementos formais em sua realização histórica⁴⁵.

Partindo de Jesus, o Nazareno, passa pela cruz, pela ressurreição e pelo dom pascal do Espírito, que exerce sua missão no tempo. O Espírito não advém em uma estrutura eclesial estabelecida para animá-la, mas a constitui

⁴² Os doze simbolizam as doze tribos de Israel. As promessas de uma futura Igreja a Pedro partem da confissão messiânica de Jesus e de sua liderança entre os doze, porém, são escritos pós-pascuais. O batismo e a eucaristia, historicamente mais ligados ao Jesus histórico, só adquirem sentido eclesial à luz da Páscoa. “A missão universal de Jesus Ressuscitado e o encargo de batizar todas as nações com a fórmula trinitária constituem um texto que claramente reflete a Tradição litúrgica posterior da Igreja primitiva” (cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 73).

⁴³ Id. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 39.

⁴⁴ *Ibid.*

⁴⁵ Cf. MIRANDA, M. F. *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo: Loyola, 2006, pp. 133-139.

juntamente com Jesus Cristo. “Ela é a fecundidade, fora de Deus, das Processões trinitárias”⁴⁶.

A Igreja provém das duas missões do Pai, a do Verbo e a do Sopro, as *duas mãos* do Pai⁴⁷, ou seja, de uma economia que o Pai realiza através do Verbo-Filho e do Espírito-Sabedoria⁴⁸. Segundo Codina, é mais seguro referir-se a Jesus como fundamento da Igreja e não como seu fundador⁴⁹.

As divergências quanto aos princípios constitutivos da Igreja, colocam-nos frente a uma questão moderna: ao fundamentá-la no princípio cristológico situa-se a origem da Igreja em Nazaré como um prolongamento da encarnação; ao considerá-la como Fruto do Verbo e do Sopro, a Igreja encontra suas raízes em Jesus, mas desabrocha com o Mistério Pascal e a efusão do Espírito⁵⁰.

A posição do Vaticano II se insere nesta perspectiva (LG 2), dando ênfase à pregação da Boa Nova e à chegada do Reino de Deus e não aos aspectos constitutivos, que aparecem com o florescimento das comunidades pós-pascais (LG 5). “Jesus anuncia e faz irromper em sua Pessoa o Reino de Deus”⁵¹.

Essa postura integra o vínculo da Igreja com o Jesus histórico, que forma o grupo dos discípulos e das discípulas,⁵² mas se consolida na experiência pascal e na efusão do Espírito. “A Páscoa constitui a experiência instituidora da Igreja, fundamentada tanto no movimento profético de Jesus, quanto na experiência pascal possibilitada pelo dom do Espírito”⁵³.

Vinculada ao Nazareno, a Igreja está a serviço da vida e da humanidade, sob o dinamismo do Espírito que a fecunda e a estende à todos os tempos e lugares. A Igreja se constitui a partir de “Cristo e do Espírito, as *duas mãos* do Pai”⁵⁴. A compreensão codiniana requer mudanças teológicas e pastorais que recuperem o dinamismo eclesial, a sua capacidade de mover-se na história e o seu significado para a humanidade.

⁴⁶ CONGAR, Y. *Ele é o Senhor e dá a vida*. São Paulo: Paulinas, Coleção: Creio no Espírito Santo, v. 2, 2005, p. 20.

⁴⁷ IRINEU. *Adversus Haereses*, V, 6, 1.

⁴⁸ CONGAR, Y. *Ele é o Senhor e dá a vida*, p. 21.

⁴⁹ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 75.

⁵⁰ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo*, p. 39.

⁵¹ Cf. MIRANDA, M. F. *A Igreja numa sociedade fragmentada*, p. 140.

⁵² Várias mulheres deixam suas casas e seguem o Mestre, percorrem as estradas na companhia dos apóstolos, anunciando a Boa Notícia aos pobres, servindo-O no caminho da Galileia até Jerusalém (Lc 8,1-3; At 1, 14-15). O verbo grego *akolouthēō*, que significa *seguir*, é usado para referir-se ao seguimento de Jesus, tanto para os apóstolos como para as mulheres que o acompanham como *diaconisas* (Rm 16,1-3) e, a serviço do Mestre, partilham seus bens. Eram companheiras de estrada, algo totalmente incomum ao judaísmo da época jesuana. Jesus dá início a “um movimento itinerante e carismático, onde homens e mulheres são admitidos em relação de fraterna amizade” (cf. BINGEMER, M. C. L. *O Segredo feminino do Mistério*. Ensaios de Teologia na ótica da Mulher. Petrópolis: Vozes, 1991, p. 104).

⁵³ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu*, p. 76.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 76.

Na rigidez de uma Igreja que recusa rever suas teologias e práticas encontra-se uma *visão fundamentalista* de uma Igreja fundada por Jesus Cristo, cuja estrutura é intocável, sublinha Codina. Mas, o Espírito habita a Igreja e os corações dos fiéis (LG 4), e seu movimento não pode ser controlado.

2.3. Creio na Igreja

As primeiras comunidades experimentam a luz e a força do Espírito Santo de forma muito peculiar. Sentem-se movidas, impulsionadas por um sopro, uma força, uma energia que as humaniza, as congrega e as faz missionárias.

O Espírito é a força motriz que dinamiza o ser e a missão dos cristãos, suas motivações, seu ideal, sua utopia, a mística pela qual vivem e lutam e com a qual se contagiam e contagiam os outros. O Espírito confere-lhes alegria e audácia, confere-lhes *parresía* e até a força do martírio. O cristão vive no mais profundo de seu ser, iluminado e apoiado pelo Espírito.

A Igreja ganha visibilidade histórica, profundamente vinculada ao Espírito que a faz forte, penetrante e fecunda no serviço à vida. Paulo se refere a essa experiência como um *novo nascimento* (Jo 3,3-7), uma *nova criatura* (Gl 6,15; 2Cor 5,17), uma *vida segundo o Espírito*, um *novo começo* marcado pela *grande novidade*. O Espírito de Jesus anima a vida das primeiras comunidades.

A experiência de vida no Espírito caracteriza o cristianismo nascente. A íntima relação do Espírito e a *ekklesía* é definida no terceiro artigo do Credo sobre a fé no Espírito Santo, associando a Igreja à obra especialmente ligada a Ele: *Creio em uma Igreja una, santa, católica e apostólica*⁵⁵.

Mais tarde acrescenta-se a comunhão dos santos, o perdão dos pecados, a ressurreição da carne e a vida eterna como frutos do Espírito. Porém, não cremos na Igreja como cremos no Espírito Santo. Gregos e latinos distinguem a fé no Espírito Santo e a adesão à Igreja, mediante preposições gramaticais.

A fé na Igreja *una, santa, católica e apostólica* é inseparável da fé em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, porém o Símbolo Apostólico deixa bem claro que cremos *em* uma Igreja Santa, e não *na* Igreja (CIC 750)⁵⁶, sentido muitas vezes comprometido pelas limitações linguísticas. Os Santos Padres comparam a Igreja à lua, cuja luz é reflexo do sol, lugar onde floresce o Espírito (CIC 748). A

⁵⁵ Essa referência à Igreja aparece no *Símbolo Apostólico*, baseado na Tradição de Hipólito (séc. III) e depois no *Símbolo Niceno-constantinopolitano* de 381, baseado no símbolo de Jerusalém.

⁵⁶ A língua portuguesa não distingue entre *crer no Espírito* e *crer na Igreja*, já o latim faz essa distinção: *credere in Spiritum* e *credere ecclesiam*, sem a preposição.

Igreja é lugar, *espaço histórico* da missão do Espírito e passa a ser objeto de fé por seus atributos divinos. Trento faz uma distinção entre crença e fé.

É necessário crer que exista uma Igreja una, santa e católica. No tocante às três Pessoas da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, nós cremos de tal modo que colocamos neles a nossa fé. Mas agora, trocando nossa maneira de dizer, nós professamos crer em uma santa Igreja, e não na santa Igreja. Assim, até nessa diferença de linguagem, Deus, autor de todas as coisas, é distinto de todas as suas criaturas, e todos os preciosos bens que ele conferiu à Igreja, ao recebê-los, nós os relacionamos à sua divina bondade⁵⁷.

A Igreja nascente tem consciência de que a *vida nova* que circula em suas entranhas é fruto do *Senhor que dá a Vida*. A missão eclesial está profundamente vinculada à ação vivificante e santificadora do Espírito como um permanente Pentecostes, que a espalha por todos os cantos.

Nesse mundo, marcado por tanto egoísmo, injustiça, opressão, guerras, desprezo pela vida, corrupção, violência, miséria, preconceito, indiferença, intolerância, o Sopro Divino mantém a Igreja comprometida com o bem, com a vida, com a transformação da sociedade. Essa presença ativa e vivificante do Espírito, na comunidade dos cristãos, se realiza nos sacramentos do Batismo e da Eucaristia e alcança plenitude na ressurreição da carne e na vida eterna.

Para Yves Congar, o Espírito que se derrama, manifesta a santidade da Igreja não só nos sacramentos, mas também nas virtudes, nos dons da sabedoria, da ciência, da fé, do discernimento dos espíritos, das curas, da profecia⁵⁸.

A Igreja não é uma quarta pessoa da Trindade, mas o *lugar* da presença e ação do Espírito Santo que a unifica, santifica, catoliciza e apostoliciza. Cremos no Espírito Santo que santifica a Igreja⁵⁹ e age com liberdade para além dos limites eclesiais, vivificando e santificando misteriosamente a humanidade, nas pessoas e grupos que buscam a libertação e a transformação social⁶⁰.

2.3.1. O Espírito Santo e a Unidade da Igreja

O Concílio Vaticano II recorre a São Cipriano e define a Igreja como “um povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4). O Espírito

⁵⁷ CONGAR, Y. *Ele é o Senhor e dá a vida.*, p. 17.

⁵⁸ Cf. *Ibid.*

⁵⁹ TOMÁS DE AQUINO *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 79.

⁶⁰ Cf. CODINA, V. *Nosso credo*. Deus caminha com seu povo. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 59.

Santo é princípio de comunhão e promove, misteriosa e secretamente, a unidade do corpo eclesial, fundado em uma só fé e em um só batismo (Ef 4,3-6).

A imagem da Igreja como *Povo de Deus* explicita os elementos principais de uma eclesiologia como mistério, comunhão e sacramento. Mediante o Espírito, a Igreja possibilita uma íntima união com Deus, com a humanidade e com todo o cosmo. De fato, *ekklesía* compreende os sentidos de convocação e resposta, que para Paulo está em continuidade com a experiência de Israel.

A imagem paulina da Igreja como Corpo de Cristo (1Cor 12,12-28) evidencia a unidade na diversidade. O único corpo é formado por todos que recebem do mesmo Espírito diferentes dons e carismas a serviço da comunidade. Jesus Cristo, o Novo Adão (Rm 5,12-21), incorpora a nova humanidade a seu corpo glorioso, tornando-a templo do Espírito Santo (Ef 2,22; 1 Cor 3,16), que fecundada por ele, produz os frutos do Espírito. A Igreja não é uma federação de Igrejas locais independentes, mas uma comunhão, um só corpo em Cristo e no Espírito, uma *Igreja de Igrejas* ou *Igrejas na Igreja*⁶¹.

Segundo Codina, porém, essa unidade está *desfigurada* pelas divisões históricas que revelam a condição humana de peregrina neste mundo, passível de incompletude. Mas o Espírito, que vem em nosso socorro, suscita o movimento ecumênico para integrar todos na unidade plena em Cristo Jesus, mediante a conversão, o perdão, a oração e o diálogo (UR 5-12).

O reconhecimento de que a verdadeira Igreja de Jesus Cristo não se identifica com a Igreja Católica, apenas “subsiste na Igreja Católica” (LG 8), significa que existe verdadeira Igreja de Cristo para além de suas fronteiras⁶².

O Espírito Santo, princípio de Unidade da Igreja, habita nos crentes, plenifica e rege toda a Igreja, realiza a comunhão dos fiéis, unindo-os a Cristo. A diversidade da Igreja provém da variedade de dons, carismas e modos de vida. Na unidade do Povo de Deus congrega-se a diversidade de povos e culturas.

A unidade no Oriente nasce da vida em Cristo e se manifesta na unidade de vida, de fé, de oração, de doutrina e de sacramentos⁶³; o Ocidente, que enfatiza a estrutura organizativa hierárquica, reserva-lhe o direito de promover a vida de fé. Os cristãos que *absolutizam posturas teológicas e eclesiais*⁶⁴,

⁶¹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 83.

⁶² Cf. *Ibid.* O autor recorda que após o Concílio Vaticano II, uma tendência tentou minimizar o sentido desta frase, contra o verdadeiro espírito conciliar que havia corrigido o *é* da primeira redação para o *subsiste* definitivo. Com isso, o Concílio mudou a postura de Pio XII, que em sua encíclica *Mystici Corporis* (1943) identificava o Corpo Místico de Cristo com a Igreja Católica.

⁶³ CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano*. Iniciación a la teología oriental. Santander: Sal Terrae, Colección: Presencia Teológica, 91, 1997, p. 108.

⁶⁴ Roma acentua os elementos institucionais e o primado petrino (Mt 16), a Reforma Protestante acentua a Palavra e a gratuidade da salvação (Paulo) e o Oriente acentua o Espírito Santo (João).

encontram luz na experiência neotestamentária, em que diversas eclesiologias enriquecem e complementam a diversidade e fortalecem a unidade cristã.

2.3.2. O Espírito Santo e a santidade da Igreja

A santidade é a primeira característica que os cristãos atribuem à Igreja. A proposição aparece no Credo batismal da Tradição de Hipólito (séc. II-III) como obra da Ruah de Deus: *Crês no Espírito Santo, na santa Igreja, para a ressurreição da carne?* A comunidade do Ressuscitado reconhece na santidade da Igreja um dinamismo que ultrapassa a condição humana.

A Igreja é santa porque o Espírito Santo que nela fez morada age misticamente, suscitando e sustentando a sua santidade. Basílio afirma que “não existe santidade sem o Espírito Santo”⁶⁵. Essa afirmação está fundamentada na experiência de fé da Igreja primitiva que Paulo identifica como *santa esposa de Cristo* (Ef 5,26-27)⁶⁶, *templo do Espírito Santo* (1Cor 3,16).

Enquanto peregrina, em meio às vicissitudes desta vida, seus membros estão sujeitos às fraquezas da carne (1Cor 6,15) e ao rompimento da Aliança. “A Igreja, esposa de Cristo (2Cor 11,2; Tt 3,5-7), não possui ainda a plenitude da pureza que o sangue de Cristo e o Batismo lhe conferiram”⁶⁷, mas o Espírito Santo que nela habita, como penhor e prêmio da união plena com seu esposo, anseia pela consumação plena dessa união, que se realizará no fim dos tempos, quando Deus será tudo em todos, quando descera do céu a nova Jerusalém, pronta como uma esposa que se enfeitou para seu marido (Ap 21). Então, o Espírito e a Esposa dirão: *Vem saciar-se plenamente e gratuitamente da água da vida* (Ap 22,17). Enquanto aguardamos a realização das promessas, o Espírito socorre nossa fraqueza, intercede por nós com gemidos inefáveis (Rm 8,26-30), coopera para que sejamos conformes à imagem de seu Filho.

Na Escritura a santidade da Igreja é “fruto da presença do Espírito que age na palavra, nos sacramentos, nos carismas e nos ministérios da comunidade”⁶⁸. Age em plena liberdade (Jo 3,8). Sutil e penetrante, o Espírito perscruta os corações e engendra aí uma disposição interior, favorável à abertura ao Pai. Sua

⁶⁵ BASÍLIO *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 84.

⁶⁶ Ao comparar a Igreja à esposa, Paulo se apoia em costumes orientais, segundo os quais, a noiva era banhada e enfeitada antes de ser apresentada ao noivo por seus amigos. No caso da Igreja, é o próprio Cristo que lavou sua noiva de toda mancha pelo banho batismal e a adornou com joias preciosas para apresentá-la a si mesmo (2Cor 11,2). O amor de lahweh por seu povo encontra na experiência sponsal sua melhor representação (Os 2).

⁶⁷ *Ibid.*

⁶⁸ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 84.

presença é reconhecida pelos sinais de vida, esperança, solidariedade justiça, misericórdia, amor, alteridade, gratuidade, alegria, festa⁶⁹.

A Igreja é santa, porque aquele que a engendra é Santo, e pecadora, porque seus membros se revelam egoístas e pouco solidários. A Igreja é essa realidade complexa, visível e invisível, santa e pecadora, casta e prostituta. Sua condição de peregrina lhe impõe a necessidade contínua da misericórdia de Deus, de purificação, penitência e conversão (LG 8), de renovação e reforma (UR 6). Sua autossuficiência mais esconde que manifesta a face de Deus (GS 19). O pecado da Igreja a deforma, a enche de rugas (Ef 5,27).

Segundo Rahner, a história testemunha seus pecados, seu orgulho, a riqueza, o poder, o imobilismo, o egoísmo, a divisão, que extinguem o Espírito⁷⁰. A ideia de uma Igreja pecadora, que acolhe e perdoa os pecadores, é objeto de escândalo para muitos⁷¹. A atitude de Jesus com os pecadores também suscitou muita perplexidade (Mt 23,27; Jo 8,7).

Mas a *ekklesia* não está à deriva, o pecado foi vencido, a morte foi tragada pela vida (1Cor 15,55). A Igreja será sempre *santa*, sem deixar de ser *pecadora*, até que se realize toda esperança (Jo 11,52). O Corpo Místico de Cristo vive continuamente a experiência do joio e do trigo. Ambos crescem juntos até o dia da colheita (Mt 13,24-30.36-43). A Igreja não é um ideal abstrato, mas uma realidade concreta⁷². Por isso, ela também é lugar da misericórdia divina, do perdão, da exortação, da conversão. Deus se vale de pessoas frágeis e pecadoras para confundir os fortes e cumprir sua missão (1Cor 1,26-29).

O Espírito, princípio de transfiguração da humanidade e de todo criado⁷³, suscita testemunhas do Evangelho, mártires, profetas e doutores, pastores e missionários; faz surgir iniciativas de promoção humana, inspira reformas, faz brotar carismas. “Para quem tem olhos de fé [...] a Igreja é sacramento e ícone do Reino, teofania de Deus, lugar de transfiguração, Pentecostes, antecipação da Nova Terra e dos Novos Céus”⁷⁴. Ele veio para defender, guiar e santificar a Igreja, como timoneiro da humanidade em tempestade⁷⁵.

Apesar de suas sombras, na força do Espírito, a Igreja está sempre renascendo e levando a esperança do mundo. “Esta é a nossa Igreja, com suas

⁶⁹ Cf. Id. *Elementos para una antropología pneumática*. In *Revista Latinoamericana de teología*, 84, 2011, pp. 299-321, p. 318.

⁷⁰ Cf. RAHNER, K. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 85.

⁷¹ Cf. CODINA, V. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial*. Barcelona: *Cristianisme i Justícia*, EIDES 46, 2006, p. 12.

⁷² Cf. RAHNER, K. *Apud* CODINA, V. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 12.

⁷³ Cf. CODINA, V. *Elementos para una antropología pneumática.*, pp. 299-321, p.319.

⁷⁴ Id. *No extingáis el Espíritu.*, pp. 85-86.

⁷⁵ Cf. CIRILO. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 86.

misérias e humilhações, com as debilidades de cada um de nós, mas também com a imensa rede de suas santidades ocultas⁷⁶.

2.3.3.

O Espírito Santo e a catolicidade da Igreja

Ao escrever aos cristãos de Esmirna, Inácio de Antioquia (séc. II) reconhece a universalidade da Igreja, denominando-a *católica*. O termo é usado pela primeira vez para enfatizar o seu alcance universal, sua presença na totalidade da existência humana, incluindo o espaço e o tempo, a geografia e a história, incluindo todas as dimensões e aspectos, integrando todas as diferenças em uma só unidade, respeitando a pluralidade e a Tradição⁷⁷. Então, a Igreja é *católica* porque está aberta a todos.

A unidade é por sua própria essência universal e constitui a catolicidade. João nos ajuda a entendê-la quando diz que Jesus é a luz do mundo (Jo 8,12) e Senhor de todos (Jo 12,32), que ninguém vai ao Pai senão por aquele (Jo 14,60) que veio para que todos tenham vida (Jo 10,10). Jesus, porque veio para todos, é universal (Mt 28,19).

As aparições do Ressuscitado e o Pentecostes inauguram a fase da Igreja e confirmam os discípulos e as discípulas na fé, enviando-os a *todas as nações*, (Mt 28,19). Enquanto o Espírito os faz compreender a universalidade da Igreja, ela se abre ao mundo, aos gentios, gregos e romanos.

O Espírito chama, envia, acompanha e fecunda a missão. Ele constitui a sua realidade mais íntima. Sem Ele não há evangelização, não há salvação, não há Igreja. Sem Ele não há respostas aos anseios profundos da humanidade.

No batismo, o Espírito concede a todos uma única natureza incorruptível, um caráter divino, uma marca, uma mesma dignidade. De uma forma *única e católica* essa natureza une a todos, para além de toda divisão.

O Concílio Vaticano II fundamenta a universalidade da Igreja na unidade e não na uniformidade (LG 13). Portanto, para ser fiel à sua missão a Igreja deve considerar as diferenças dos povos e culturas e estabelecer um diálogo que favoreça a inculturação e a oferta da salvação a todo o gênero humano.

Essa atitude toca diretamente o coração e a doutrina da Igreja. Abrir-se às culturas significa diversificar os modos de apresentar a fé, incluindo categorias culturais de cada povo. As expressões e conteúdos do dogma precisam se

⁷⁶ Cf. DE LUBAC, H. *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 86.

⁷⁷ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 87.

tornar dinâmicos de tal modo que ampliem e aprofundem a fé cristã, respondendo com eficácia aos diversos contextos culturais e históricos da humanidade. A única fé pode ter inúmeras expressões teológicas.

O Espírito não é propriedade exclusiva de alguns eleitos, nem direito da hierarquia. Ele foi derramado sobre toda carne (At 2,17-21) e, sob o seu dinamismo, todos são chamados e conduzidos à salvação. O Sopro, que sempre se antecipa ao missionário, age, comunica-se com toda a humanidade de todos os tempos e lugares, de todas as culturas. A universalidade inclui a todos, indistintamente, na grande família dos filhos e filhas de Deus Pai.

A missão universal de Jesus exige posturas universalizantes, ou seja, diálogo e respeito pelas diferentes expressões culturais e religiosas. A variação das expressões evangélicas com a necessária diversidade teológica, doutrinal e pastoral, mais que desafio é incontestavelmente um grande enriquecimento.

O arcabouço da fé cristã, erigido em matizes culturais europeias e proposto a todos os povos indistintamente, precisa ser desconstruído, para tornar possível a expressão da fé cristã através das categorias culturais. Para ser verdadeiramente universal a fé cristã precisa deixar de ser eurocêntrica.

Quando os povos encontrarem em Jesus Cristo respostas vitais às suas aspirações mais profundas, perceberão que Cristo é o salvador que procuram, mesmo que silenciosamente (DAP 4). A abertura da Igreja a outras expressões e valores culturais a enriquecem e a possibilitam manifestar e celebrar melhor o mistério de Cristo, contribuindo para uma catolicidade mais plena (DAP 479).

Codina entende que o respeito à pluralidade não se deve apenas ao que ainda não foi integrado pela Igreja, mas à diversidade existente no seu próprio interior, à riqueza de tradições e traços culturais próprios de cada Igreja local. “A Igreja há de ser uma unidade de diversidades, uma Igreja de Igrejas”⁷⁸.

Encontrar novas formas para atualizar o Evangelho em cada tempo e lugar é tarefa fundamental e condição de fidelidade. É necessário auscultar o Espírito, discernir os sinais dos tempos, pois é Ele que atualiza a Palavra, encarna o mistério de Cristo, dinamiza-o pelos carismas, interioriza-o nos fiéis⁷⁹.

O Espírito do Ressuscitado, que deu coragem a Pedro e a seus companheiros (At 2,14ss), faz a Igreja Católica, aberta ao mundo, universal, inclusiva. As duas mãos do Pai, o Filho e o Espírito, em perfeita comunhão, realizam a única missão de salvar a humanidade. As consequências do esquecimento do Espírito ferem a sua catolicidade. A Igreja convive com

⁷⁸ *Ibid.*, p. 88

⁷⁹ Cf. *Ibid.*

tensões, crises, divisões e grandes rupturas. Na verdade, uma Igreja “monocultural, uniforme, ocidental, eurocêntrica e latina”⁸⁰ não combina com uma Igreja que se diz católica.

Abrir-se ao mundo e às culturas, ao mundo moderno e pós-moderno, aos mundos e submundos da Ásia, da África e da América é uma exigência evangélica que requer “des-helenizar e des-ocidentalizar o cristianismo para que Atenas não triunfe sobre Jerusalém”⁸¹. Víctor Codina entende que a formulação da doutrina da fé, da liturgia e da moral compete às Igrejas locais e suas conferências⁸², que só terão sentido aos diversos povos, se estiverem implicadas com suas vidas.

2.3.4. O Espírito Santo e a apostolicidade da Igreja

A Igreja é reconhecida como *apostólica* (séc. II), quando Inácio de Antioquia utiliza o termo para referir-se à Igreja em sua fundamental e íntima relação com a experiência de fé dos apóstolos, cujo testemunho foi decisivo na Igreja nascente. Logo é integrado ao credo batismal e em seguida ao Credo Constantinopolitano.

A Igreja de todos os tempos, sob a ação do Espírito, é herdeira do tesouro da fé deixado pelos apóstolos, portadora das riquezas vividas e transmitidas pelo Mestre aos doze, enviada a anunciar a Boa Notícia a todas as nações (Mt 28,19), em comunhão com os apóstolos, chamados e preparados pelo divino Mestre para assumir e dar continuidade à sua missão. Derramado sobre eles no dia de Pentecostes, o Espírito os assiste, acompanha, sustenta e fecunda a missão. É ele que tece o percurso histórico da Igreja, mantendo-a em continuidade com a experiência apostólica, possibilitando que a experiência original alcance seu fim último.

A Igreja é apostólica porque prossegue sua trajetória histórica sobre o fundamento dos apóstolos; conserva e transmite o depósito da fé confiado por Jesus aos apóstolos, e através deles às gerações seguintes.

Para que a Igreja seja apostólica precisa ter à sua frente pastores em sucessão apostólica, revestidos da condição jurídica, doutrinal e testemunhal. É necessário entrar na cadeia sucessória que tem na origem o grupo dos doze, manter o corpo doutrinal que constitui a Tradição da Igreja desde os primórdios

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ GONZÁLEZ FAUS *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 89.

⁸² Cf. *Id.* *No extingáis el Espíritu.*, p. 89.

transmitida pelos apóstolos⁸³, e seguir os passos de Jesus, abraçando a missão de anunciar até o fim dos tempos a Boa Nova.

A dimensão apostólica evoluiu para a *hierarquia*, termo que não é evangélico, mas expressa o poder sagrado, porém, facilmente confundido com os poderes deste mundo⁸⁴. A Igreja é apostólica porque está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas⁸⁵, mas Jesus Cristo é a pedra angular (Ef 2,20), cabeça da Igreja (Cl 1,18)⁸⁶. A designação do papa como vigário de Cristo é mais medieval que primitiva. Para os Padres, o Espírito Santo e os pobres é que são vigários de Cristo⁸⁷, lembra Codina.

Apesar das limitações históricas e culturais, o Espírito mantém a Igreja na fidelidade apostólica. Não é possível viver a fé prescindindo da apostolicidade, “rompendo a comunhão doutrinal e a obediência aos pastores”⁸⁸. Não é possível aceitar Jesus e renegar a Igreja, ou seja, ser “cristão sem Igreja”⁸⁹.

Uma eclesiologia pneumatológica a serviço da missão deve rever sua estrutura para acompanhar a evolução histórica, como em outros tempos.

Santa e pecadora, a Igreja necessita refazer sempre a unidade enfraquecida, reformá-la para que seja santa, abri-la ao mundo para que seja católica e recuperar a sua autêntica apostolicidade, despojando-a de todas as aderências históricas que confundem sua missão apostólica⁹⁰.

Conclui-se que a Igreja é apenas sinal do Reino e suas notas são tarefa escatológica a realizar⁹¹. A Igreja só é *una, santa, católica e apostólica* porque o grande timoneiro a guia, defende, santifica, une, admoesta. Obra da Trindade, sua missão está sob o dinamismo do Espírito que faz dela uma realidade única e complexa, em que o divino e humano se fundem de tal forma que se pode compará-la ao mistério do Verbo Encarnado (LG 8). Dom de Deus e tarefa humana, suas notas “são manifestações e sinais da Igreja de Jesus”⁹², cujo

⁸³ Aspecto que veio a se chamar *infallibilidade papal*. Foi mencionada pela primeira vez (90 d.C.) quando o Papa Clemente I intervém na comunidade de Corinto, *falando em nome do Espírito Santo* (Carta de Clemente aos Coríntios). No século XI a proposição XXII do *Dictatus Papae* afirma que o papa “nunca errou e não errará nunca, segundo testemunho das Escrituras”. Em 1870, o Concílio Vaticano I declara o *dogma da infalibilidade papal*, na Constituição Dogmática *Pastor Aeternus*, pelo Papa Pio IX como dogma.

⁸⁴ Cf. *Ibid.*, p. 90.

⁸⁵ Os profetas do NT (Ef 3,5; 4,11; At 11,27) constituem com os apóstolos as testemunhas que recebem a Revelação, tornando-se o fundamento sobre o qual se edifica a Igreja. Os profetas do AT tiveram uma percepção obscura e imperfeita do Mistério de Cristo (Ef 2,20).

⁸⁶ Cf. CODINA, V. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 16.

⁸⁷ Cf. GONZÁLEZ FAUS, J.I. *Apud CODINA, V. Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 16.

⁸⁸ *Id. No extingáis el Espíritu.*, p. 91.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 85.

⁹⁰ *Ibid.*, pp. 91-92.

⁹¹ Cf. *Id. Seguir Jesus hoje*. Da modernidade à solidariedade. São Paulo: Paulinas, 1993, pp. 127-128.

⁹² *Id. Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 108.

dinamismo escatológico a move na busca da completude que torna sua unidade cada vez mais santa, sua santidade cada vez mais católica, sua catolicidade mais apostólica e sua apostolicidade sempre mais una.

2.4. Creio no Espírito Santo

A Sagrada Escritura revela-nos o Espírito como força misteriosa de vida, alento, sopro que tudo fecunda (Gn 1,2), dá a vida a todas as criaturas e à própria história, conduzindo-as à salvação, viabilizando a passagem da morte para a vida, cuja plenitude se alcança na vida eterna, quando Deus será tudo em todos⁹³. Apesar da experiência do Espírito, sua divindade suscita dúvidas, a partir da própria Escritura que fala do Sopro por meio de símbolos.

Para compreender a situação é necessário revisitar o judaísmo, cuja fé no Deus Único é uma questão vital. Enquanto os povos vizinhos creem em diversos deuses, os judeus fazem a experiência no Deus pessoal e único: “Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo” (Jr 7,23).

Nesse contexto nasce o cristianismo e a Trindade do Deus, revelado em Jesus Cristo, desconcerta radicalmente o monoteísmo judaico. Passada a euforia pós-pascal, surgem dúvidas que se transformam em correntes de pensamentos divergentes. O zelo da Igreja primitiva promove verdadeiras batalhas em defesa da fé apostólica, afastando todo perigo de deformidade doutrinal. As questões relacionadas ao Filho de Deus são esclarecidas pelo Concílio de Nicéia (325) e confirmadas pelo Concílio de Constantinopla (381).

A divindade do Espírito Santo e a sua ação salvífica são esclarecidas e reconhecidas pelo Concílio de Constantinopla (381), que o proclama “*Senhor que dá a vida, procede do Pai, é louvado e glorificado juntamente com o Pai, falou pelos profetas, e que age na Igreja, no Batismo para o perdão dos pecados, para a ressurreição da carne e para a vida eterna*”⁹⁴.

Ao defender a divindade do Espírito Santo, os Padres “salvaguardam a possibilidade da divinização e da santificação humanas”⁹⁵, sem a qual não há cristianismo, não há redenção, nem salvação. O testemunho cristão, que atribui a Deus os prodígios que o Espírito realiza, favorece a formulação trinitária.

Sem a divindade do Espírito, a santificação e a divinização da humanidade não passaria de uma ilusão, pois nem o Filho teria se encarnado, e “O Espírito

⁹³ Cf. CODINA, V. *Nosso credo.*, pp. 57-59.

⁹⁴ Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 81.

⁹⁵ *Ibid.*

Santo foi enviado para santificar continuamente a Igreja” (LG 4). Alinha-se aqui o Oriente, cuja “vida cristã é vida em Cristo pelo Espírito Santo; se ele não é Deus, não pode dar vida, não pode haver vida cristã nem divinização”⁹⁶.

No Concílio de Constantinopla, a teologia cristã chega à Trindade de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Na trajetória do dogma do Espírito Santo a Igreja descobre-se em suas dimensões constitutivas, descobre-se intimamente vinculada à Pessoa de Jesus Cristo e do Espírito Santo. O Filho encarnado tem uma missão visível e histórica. O Espírito leva adiante o plano do Pai e a obra de Jesus, atuando misteriosa e silenciosamente nas pessoas e grupos, na história e em todo o cosmo, sendo reconhecido apenas pelos efeitos que produz⁹⁷.

A revelação da Trindade e a recepção eclesial têm sido progressivas e lentas. Para Gregório Nazianzeno, o AT conheceu o Pai, o NT conheceu o Filho, e só depois se conheceu o Espírito Santo; já para Irineu, o Espírito atua e é reconhecido no AT, o Filho atua no NT, que nos revela o Pai⁹⁸. Mas é pelo Espírito que se tem contato com Deus, apesar de sua existência *kenótica*. Sua missão é manifestar a realeza do Logos na criação e na história, aperfeiçoar a criação, fazer com que tudo entre na comunhão com Deus⁹⁹. Tudo que é bom e belo, depois da queda, já foi assumido pelo Espírito.

2.5. As duas mãos do Pai

O misterioso Espírito, sem rosto e quase sem nome, do qual fala a Escritura de diversos modos, através de uma linguagem simbólica, é força vital, presença e ação de Deus na criação e na história e está intimamente associado a Jesus de Nazaré, o Filho encarnado do Pai. A *Ruah* de Iahweh é revelada por Jesus Cristo como a Terceira Pessoa Divina. Segundo os dados bíblicos o Espírito prepara a missão de Jesus e Jesus doa o Espírito à Igreja. Portanto, ambos realizam a única e mesma obra de redenção¹⁰⁰.

Ao considerar as suas manifestações, Víctor Codina se lança na busca pelo sentido da sua presença e de sua ação salvífica na história. Recorre a

⁹⁶ Id. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 80.

⁹⁷ Cf. Id. *Nosso credo.*, p. 58.

⁹⁸ Cf. CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 77.

⁹⁹ *Ibid.*

¹⁰⁰ Distintos mas não diversos, em perfeita fusão, mas sem confusão, Cristo e o Espírito são “os dois novos sóis” que se refletem misteriosamente de modo inseparável, inefável e original na única economia da salvação. Conforme São Bernardo, “nós temos o duplo penhor da salvação, a dupla efusão do sangue e do Espírito” (cf. LAMBIASI, F.; VITALE, D. *Lo Spirito Santo: Mistero e Presenza*. Per una síntese di pneumatologia. 2 ed. Bologna: Edizioni Dehoniane Bologna, Collezione: Corso di teologia sistematica, v. 5, 2005, p. 208).

Irineu, que oferece uma imagem perfeita dessa realidade ao afirmar que o Filho-Logos e o Espírito-*Pneuma* constituem as *duas mãos* do Pai que realizam, em perfeita comunhão, o projeto divino de vivificar e santificar o ser humano¹⁰¹.

Desde a origem, a Igreja experimenta seu duplo princípio estruturador, o Verbo e o Sopro. Sente-se fruto das duas missões do Pai: a do Filho e a do Espírito, conforme expressa Irineu: “pelas duas *mãos* do Pai, o Filho e o Espírito, o homem se faz imagem e semelhança de Deus”¹⁰². As duas mãos moldam a Igreja, que nasce do costado de Jesus Cristo, novo Adão adormecido na cruz, e do Espírito no dia de Pentecostes.

Irineu desenvolve o princípio teológico das “duas mãos do Pai”¹⁰³, que embora não se identificam, são iguais em força e em valor, realizam ações diferentes que se ordenam à obra salvífica¹⁰⁴. A patrística intui o dinamismo trinitário, que inclui uma circularidade entre as pessoas, explicitada na fórmula: “do Pai, pelo Filho, no Espírito, como princípio de um retorno no Espírito, pelo Filho, para o Pai”¹⁰⁵. O Pai é a fonte única da divindade, Princípio sem fim, Inacessível, Absoluto, Amor misterioso e fontal da vida trinitária, manifestada na história salvífica pela missão do Filho e do Espírito¹⁰⁶.

O Filho se encarna, nasce de Maria e sua missão é histórica. Ele tem cidadania, é de Nazaré e seu nome é Jesus, os discípulos podem vê-lo, ouvi-lo e tocá-lo com as próprias mãos (1Jo 1,1-3)¹⁰⁷. Passa a vida fazendo o bem, anuncia a Boa Nova do Reino, depois morre e ressuscita. Anuncia o Espírito e o comunica aos discípulos, que prolongam a sua missão na Igreja e no mundo.

O Espírito é invisível, interior, anônimo, universal, se dá a conhecer por meio dos efeitos que produz. Ele não se encarna, mas fecunda Maria e desde as origens move pessoas, grupos, comunidades e povos à vida plena.

O Espírito é sopro, silêncio, não tem mensagem nem palavra própria, mas recorda a Palavra, torna-a conhecida, assimilada e vivida; Ele guia a vida de

¹⁰¹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 54.

¹⁰² IRINEU *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 39.

¹⁰³ A imagem irineana fala de Deus em sua existência intrínseca e em sua manifestação na economia salvífica. Deus, Pai de todas as coisas, contém em si mesmo, desde toda a eternidade, a sua Palavra e a sua Sabedoria. Coloca-se em atividade na criação e na redenção se dá a conhecer. Manifesta a Palavra (Filho) e a Sabedoria (Espírito) como as suas *mãos*, os veículos ou formas da sua autorrevelação e ação, com as quais se relaciona com o mundo. (Cf. MATOS, A. S. A Divina Tríade: Irineu de Lyon e a Doutrina de Deus. Disponível em: <http://old.thirdmill.org/files/portuguese/21972~9_18_01_4-03-25_PM~alderi2.htm>. Acesso em: 23.set.2011. Para aprofundar: NOGUEIRA, L. C. S. *O Espírito e o Verbo. As duas mãos do Pai.* São Paulo: Paulinas, 1995.

¹⁰⁴ COMBLIN, J. *Apud* CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 85.

¹⁰⁵ Cf. IRINEU *Apud* CONGAR, Y. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente.* São Paulo: Paulinas, Coleção: Creio no Espírito Santo, v. 3, 2005, p. 50.

¹⁰⁶ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 56.

¹⁰⁷ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 77.

Jesus, ressuscita-o, faz nascer e dirige a Igreja no tempo, se faz presente na história da humanidade e renova todas as coisas. Dom prometido e enviado, Ele derrama seus carismas, dons e frutos, fecunda a Igreja e a história e realiza o Reino¹⁰⁸. “O Espírito habita na multiplicidade, assume a diversidade, cria um movimento de comunhão e de convergência a partir da diversidade humana”¹⁰⁹. Penetra em Maria, mas não se faz homem, no entanto, sua existência oculta é que revela o Filho e os desígnios do Pai¹¹⁰. A morte das testemunhas põe fim à revelação do Filho, mas a ação do Espírito se prolonga na história¹¹¹.

A inter-relação na economia salvífica requer uma cristologia pneumática e uma pneumatologia crística. O Espírito é o Espírito de Cristo, é Cristo atuando como Espírito, recordando e atualizando o que disse e fez. Ele não tem um corpo, mas sua atuação é decisiva na formação do corpo eclesial de Cristo¹¹².

Pentecostes não inaugura uma nova era na economia salvífica, mas a ação daquele que completa e vivifica a missão do Filho na história (Jo 16,13-14). O Espírito não completa a revelação, mas possibilita a recepção da Revelação definitiva em Jesus Cristo.

Por razões históricas, o Ocidente acentua os elementos institucionais da Igreja e desenvolve o cristomonismo¹¹³, que favorece a secularização do Espírito¹¹⁴, o silêncio e o esquecimento do Espírito, com graves consequências à cristologia, à eclesiologia, à vida espiritual e à pastoral do povo Deus.

De fato, a eclesiologia no Ocidente fundamenta toda a vida e a doutrina da Igreja em Jesus Cristo, tendo-o como único fundador e legislador, e Aquele que é a lei do Novo Testamento¹¹⁵ é silenciado. No entanto, quando se desvincula a Palavra do Espírito florescem heresias¹¹⁶ e o avanço das seitas hoje se deve a ao modelo eclesial estruturado unilateralmente em torno do polo cristológico.

A visão cristomônica esquece que Jesus Cristo entra na história (Lc 1,35) por obra daquele que agita as águas primordiais e dá a vida, fala pelos profetas e é derramado em Jesus na unção messiânica (Lc 3,22).

¹⁰⁸ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 55.

¹⁰⁹ COMBLIN, J. *Apud CODINA, V. Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 85.

¹¹⁰ Cf. CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, p.78.

¹¹¹ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 77.

¹¹² Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 56.

¹¹³ O Cristomonismo privilegia a cristologia no projeto salvífico, considera Jesus Cristo independente do Espírito, institucionaliza a eclesiologia, exclui a dimensão carismática e reduz o Espírito à dimensão mística.

¹¹⁴ Cf. *Ibid.*, p. 57. Hoje são várias as tendências a um espiritualismo vago e ambíguo que acentuam o exclusivismo do Espírito, sem referência ao Nazareno e ao Reino.

¹¹⁵ Cf. TOMÁS DE AQUINO *Apud CODINA, V. No extingáis el Espíritu.*, p. 58.

¹¹⁶ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 78.

Sua vida é vida no Espírito, e pelo Espírito anuncia a Boa-Nova aos pobres (Lc 4,18-19), expulsa demônios (Mt 11,28), se alegra porque Deus se revela aos pobres (Lc 10,21-22). Este Espírito, após a ressurreição é derramado sobre todos os que nele creem.

O projeto divino de reintegrar a humanidade ao jardim do Éden se realiza pelas duas mãos do Pai, que colaboram na obra da criação e da redenção, mas só o Espírito capacita as pessoas a conhecerem o Filho. A santificação é obra exclusiva do Espírito. Sem o *Pneuma* a história de Jesus se reduziria à narrativa da vida de um grande profeta e o seguimento de Jesus a uma opção ética, vulnerável aos reveses da própria vida.

É Ele que recorda e atualiza o que Jesus disse e fez, atua a partir de dentro das pessoas e da história, mas coexiste e age em meio às limitações humanas e, apesar das trevas, faz brilhar a luz. O Filho, porém, se encarna em um homem que já é a antecipação do fim desse processo, a humanidade perfeita¹¹⁷. Se já foi difícil reconhecer o Messias no Nazareno, reconhecer a presença e a ação do Espírito na ambiguidade das relações e dos acontecimentos exige discernimento¹¹⁸.

O Espírito Santo é uma presença silenciosa que tudo penetra. A transparência da Sua santidade está vinculada ao corpo eclesial, à humanidade que, com suas fraquezas, ofusca o Seu brilho. E se até os seus discípulos tiveram dificuldade para aceitar o Nazareno como Filho de Deus, mais difícil ainda é aceitar seu Corpo visível, a historicidade da Igreja de todos os tempos¹¹⁹.

Sem a efusão do Espírito, que antecipa a transfiguração cósmica final e toca o coração humano, não se pode orar, nem chamar a Deus de *Pai nosso* (Mt 6,9), *Abbá, Pai!* (Gl 4,6), e a Jesus de *nosso Senhor* (1Cor 12,3). Sem o Espírito os discursos da sabedoria e da ciência tornam-se estéreis (1Cor 12,8)¹²⁰, no entanto, cabe à Igreja anunciar a Palavra, transformar a humanidade e a história¹²¹.

A teologia que busca novos *lugares teológicos*, escuta a Palavra, a história e a voz do povo a partir da vida, discernindo os sinais dos tempos. Essa é uma tarefa cheia de riscos e obscuridades que a fidelidade ao Senhor e a seu Espírito

¹¹⁷ Cf. COMBLIN, J. *Apud* CODINA, V. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, pp. 85-86.

¹¹⁸ Inácio de Loyola desenvolve regras para o discernimento dos espíritos, usadas hoje como um caminho para no discernimento. Para aprofundar o tema sugerimos: CODINA, V. *Una presencia silenciosa.* El Espíritu Santo en los ejercicios ignacianos. Barcelona: Edita Cristianisme I Justícia, 2011, pp.17-20.

¹¹⁹ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p. 60.

¹²⁰ JOÃO CRISÓSTOMO *Apud* CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, pp. 61.

¹²¹ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 78.

impõe¹²². Só assim, as *duas mãos* do Pai, “que não são autônomas, nem independentes, nem se justapõem, mas se implicam mutuamente”¹²³, realizam o projeto do Pai.

2.6. A fecundidade e o silêncio do Espírito

A Igreja das origens dá lugar à Igreja da cristandade, que nasce no contexto do século IV, mas se consolida com a Reforma Gregoriana (séc. XI). Ao defender a liberdade da Igreja diante dos poderes do mundo, reforça o poder papal e a centralidade romana, dando origem a uma nova eclesiologia, que apoiada em novas bases teológicas, se afasta da experiência primitiva, que o Concílio Vaticano II tenta resgatar, em atenção ao imperativo de *voltar às fontes*.

Em suas origens bíblicas e patrísticas a Igreja se constitui pela eucaristia e é celebrada por toda a Igreja com a presidência dos pastores. No segundo milênio suas fronteiras coincidem com as do império e a Igreja se identifica com a hierarquia. A eucaristia, celebrada exclusivamente pelo clero, dá origem à primeira divisão eclesial entre o clero e os fiéis, hierarquia e leigos, e desenvolve a passividade laical no culto e na vida da Igreja.

Com a hierarquização eclesial, os títulos de *Papa* e *Vigário de Cristo*, aplicados a todos os bispos, tornam-se exclusivos do Bispo de Roma, passando de *Sucessor* e *Vigário de Pedro*, *Servo dos servos de Deus*, para *Vigário de Cristo*, *Cabeça da Igreja*, *Vigário de Deus*¹²⁴. Nesse contexto, a Igreja, *Corpo real de Cristo*, passa a ser *Corpo místico de Cristo*, e a eucaristia, *Corpo místico de Cristo*, torna-se *Corpo real de Cristo*¹²⁵. A visão *real e comunitária* da Igreja evolui para uma visão *mística e interior*; a eucaristia se distancia da sua concepção *simbólica*¹²⁶ e *eclesial*, reduzindo-se a um *realismo desligado* da própria comunidade eclesial¹²⁷.

A eclesiologia de comunhão, mais simbólica na patrística, torna-se lógica e dialética no segundo milênio. Os tratados de eclesiologia são verdadeiras

¹²² Cf. *Ibid.*, pp. 79-80.

¹²³ Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 230.

¹²⁴ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 34-35.

¹²⁵ Cf. H. de LUBAC. *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 34-35.

¹²⁶ As controvérsias sobre a presença real do Senhor na eucaristia (séc. X) desencadeia um processo defensivo que leva à radicalização de algumas posturas. Questões que surgem no momento em que a Igreja e a teologia passam do *símbolo à dialética*, ou seja, da visão em que o simbólico não se opõe ao real, mas o pressupõe e o faz aflorar, à compreensão de que o simbólico se opõe ao real (cf. CODINA, V. *Una teología más simbólica y popular*. In *Revista Latinoamericana de Teología*, n. 8, 1986, pp. 159-179).

¹²⁷ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 34-35.

apologias que defendem o poder papal e a hierarquia da Igreja¹²⁸. A eclesiologia nasce como *hierarcologia* que estrutura a Igreja de forma piramidal, relegando a dimensão comunitária do povo de Deus ao esquecimento até o Vaticano II.

A participação ativa da comunidade na eleição episcopal, o pluralismo teológico, litúrgico e pastoral, e a própria *recepção*¹²⁹, que caracterizam a eclesiologia patrística, desaparecem, provocando rupturas e divisões entre clero e laicato, Igreja oriental e latina, Reforma Protestante e Igreja de Roma, Igreja e mundo moderno. Esses dados revelam os descaminhos eclesiais e suscitam indagações que Codina busca esclarecer.

2.6.1. A Pneumatologia do primeiro milênio

A Igreja primitiva está profundamente vinculada ao Espírito; ela nasce do Espírito, é santa pelo Espírito e vive pelo Espírito de Jesus. Sente-se nas duas mãos do Pai que a molda: o Filho e o Espírito¹³⁰. A inclusão da referência à Igreja no Credo apostólico no capítulo do Espírito Santo revela que a fé no Espírito tem na Igreja um lugar privilegiado. O Espírito vivificador dá vida à Igreja, realiza a comunhão dos santos, perdoa pecados, ressuscita a carne e dá a vida eterna¹³¹.

Conforme a Tradição de Hipólito “o Espírito floresce na Igreja”¹³², de tal modo que, no Símbolo de Constantinopla (381), a divindade do Espírito Santo é proclamada como o “Senhor que dá a vida e procede do Pai; e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado”. O Símbolo prossegue estabelecendo uma íntima relação com a Igreja: “E na Igreja una, santa, católica e apostólica”. A Igreja experimenta-se movida por um princípio vital, vivendo uma vida divina, participando da vida de Deus e da ressurreição de Jesus¹³³, a ponto de percebê-lo digno da mesma adoração e da mesma glória que gozam o Pai e o Filho.

¹²⁸ Cf. CONGAR, Y. *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 36.

¹²⁹ Para Codina, *recepção* eclesial é um processo de assimilação de verdades relacionadas à fé. Trata-se de um *amém* litúrgico e vital a uma norma, ao cânon da Escritura, a uma prática litúrgica, a um concílio. Não se trata de obediência, mas de um consentimento interior. Congar a define como o processo pelo qual se reconhece na medida promulgada uma regra que convém à vida da comunidade (cf. CONGAR, Y. *Apud* CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual*. Colección: Teología y mundo actual. Santander: Sal Terrae, p. 71).

¹³⁰ Tradicionalmente se afirma que a Igreja nasce do costado de Cristo, Novo Adão adormecido na Cruz (princípio cristológico), e no dia de Pentecostes (princípio pneumatológico). Um paralelismo ao sangue e água que jorra do seu lado aberto, relacionados ao batismo e à eucaristia.

¹³¹ Cf. CODINA, V. *Creo en El Espíritu Santo.*, pp. 39-40.

¹³² TRADICIÓN APOSTÓLICA *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 40.

¹³³ Cf. *Ibid.*, p. 40.

Há um condicionamento recíproco entre a Igreja e o Espírito. Para Irineu o Espírito é princípio vivificador da Fé e da Igreja e o expressa nas célebres palavras: “onde está a Igreja, ali também está o Espírito de Deus; e ali onde está o Espírito de Deus, ali está a Igreja e toda a graça. E o Espírito é a Verdade”¹³⁴. De fato, “Sem Espírito não há vida divina, nem Igreja e nem ressurreição”¹³⁵, assegura Codina. Partindo da experiência do Espírito, a Igreja chega ao mistério Trinitário, à origem do Espírito. Partindo da Trinitária *ad extra*, chega-se à Trinitária *ad intra*¹³⁶. A partir da divinização experimentada em Cristo e no Espírito chega-se ao conhecimento da divindade do Espírito.

Estamos diante do mistério que não pode ser desvendado, nem compreendido ou explicado (MC 78). Gregório Nazianzeno reconhece a incapacidade humana de penetrar e esclarecer a natureza das processões e a diferença delas entre si, mas algo desse mistério de amor Jesus revelou¹³⁷ e a Igreja, assistida pelo Espírito, o captou.

Para Rahner, “a Trindade que se manifesta na economia da salvação é a Trindade imanente, e vice-versa”¹³⁸. Congar concorda, com Rahner, que a história da salvação é a história da autorrevelação e da autocomunicação de Deus.

A Trindade econômica, revelada e comunicada, e a Trindade imanente são idênticas, pois a autocomunicação de Deus aos homens no Filho e no Espírito não seria autocomunicação de Deus se aquilo que Deus é para nós no Filho e no Espírito não fosse o próprio Deus em si mesmo. “O que a economia manifesta de três maneiras para Deus, de ser conosco e de se comunicar, corresponde aos três modos relacionais pelos quais Deus subsiste em si mesmo”¹³⁹. No entanto, Congar estabelece limites à reciprocidade absoluta no axioma rahneriano. Para ele, a autocomunicação de Deus, Pai-Filho-Espírito, só será plena na visão beatífica, quando o vermos tal como Ele é.

Mas, essa autocomunicação já se dá na forma de condescendência, de humilhação, de serviço, de *kénosis*, que na economia, se distancia da Trindade eterna. A Trindade econômica revela parcialmente a Trindade imanente. A revelação plena de Deus se dará na consumação dos tempos¹⁴⁰.

¹³⁴ IRINEU *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo*, p. 40.

¹³⁵ *Ibid.*, p. 40.

¹³⁶ Cf. *Ibid.*, pp. 40-41.

¹³⁷ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, p. 67.

¹³⁸ RAHNER, K. *Curso fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 168.

¹³⁹ Cf. CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito.*, pp. 36-38.

¹⁴⁰ Cf. *Ibid.*, pp. 39-47.

A teologia oriental distingue entre o que é comunicável e o incomunicável da Trindade, ou seja, as *energias* que dela emanam. Atanásio aplica o esquema linear-dinâmico, *do Pai pelo Filho no Espírito*, ao dizer que “o Pai é luz, o Filho é seu resplendor, o Espírito é aquele pelo qual somos iluminados”; “o Pai sendo fonte e o Filho sendo rio, podemos dizer que bebemos o Espírito”¹⁴¹.

Se o Espírito não é consubstancial ao Pai e ao Filho Ele não pode nos conformar ao Filho, nem unir-nos ao Pai, então, Ele não pode divinizar¹⁴². Nossa divinização, porém, supõe a autocomunicação de Deus. Segundo Rahner, Deus mesmo vem ao nosso encontro em sua singularidade absoluta, em sentido estrito, e não quaisquer forças luminosas que representam a Deus¹⁴³.

Na compreensão paulina, o que se pode conhecer de Deus já foi manifestado. Deus mesmo o revelou. Sua realidade invisível, sua perfeição, poder e divindade, são conhecidos de forma inteligível pelas suas obras, desde a criação do mundo (Rm 1,19s).

A Igreja primitiva, ao experimentar a força do Espírito, de forma real e intensa, se reconhece Templo do Espírito (1Cor 3,16; 2Cor 6), Esposa Santa do Senhor, sem mancha e sem ruga (Ef 5). Apesar de seu pecado, sente-se portadora da santidade de Deus, derramada pelo Espírito que a purifica (Ef 5,25-26) e se constitui em princípio de santidade, apostolicidade, catolicidade e unidade da Igreja. Ele possibilita a inculturação, a pluralidade, a comunhão em uma só fé, o sentido da fé nos fiéis, a *recepção* de tudo quanto favorece a edificação da comunidade eclesial. Ele atua nos sacramentos, na santidade dos fiéis, no ardor dos missionários e no fervor dos místicos, e faz dos pobres os primeiros destinatários do Evangelho e evangelizadores do Reino¹⁴⁴.

No contexto dialético das divergências entre gregos e latinos, a Igreja primitiva define uma teologia trinitária com uma rica pneumatologia, cujas formulações subsistem até nossos dias¹⁴⁵, as quais afirmam que “a única possibilidade de acesso ao dogma é a vida no Espírito, já que só o Espírito nos introduz no mistério de Jesus”¹⁴⁶. Essa experiência primordial, no segundo milênio é obscurecida, como veremos a seguir.

¹⁴¹ Cf. ATANÁSIO *Apud* CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito*, p. 57.

¹⁴² BASÍLIO *Apud* CONGAR, Y. *Revelação e Experiência do Espírito*, p. 61.

¹⁴³ Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da Fé*. São Paulo: Paulus, 1989, p. 168.

¹⁴⁴ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo*, p. 41.

¹⁴⁵ A riqueza destas formulações pode ser encontrada na obra: CONGAR, Y. *Revelação e experiência do Espírito*, 2009.

¹⁴⁶ Cf. CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual*. Santander: Sal Terrae. Colección: Teología y mundo actual, p. 200.

2.6.2. A Pneumatologia do segundo milênio

O Espírito, segundo o autor, não se deixa aprisionar, está sempre em ação no cumprimento da sua missão, fecundando a vida cristã e produzindo frutos de santidade. Com a virada constantina¹⁴⁷ a Igreja sai da clandestinidade, o martírio desaparece e o vigor evangélico dá lugar à acomodação. A perseguição e o martírio, que sempre foram sinais da fidelidade ao Evangelho¹⁴⁸, desvanecem. A hierarquia eclesial se identifica com o Reino de Deus e se torna poderosa ao modo dos homens, confundindo a honra e a glória de Deus com a sua própria honra, glória e poder¹⁴⁹. Na medida em que a estrutura hierárquica e sacerdotal da Igreja se institucionaliza o Espírito é relegado ao silêncio e ao âmbito espiritual.

Codina situa o problema no contexto social, econômico, político, cultural e religioso da época, e ao considerar todas as limitações de uma sociedade teocrática, percebe a complexidade da realidade e encontra na deterioração da pneumatologia¹⁵⁰ a justificativa teológica para as mudanças eclesiais que estão na base das chagas que desfiguram a Igreja.

O distanciamento entre teologia e espiritualidade tem seu ápice no século XVI. A mística faz o seu próprio caminho, enquanto a teologia se entrega às especulações. A teologia patrística, mais espiritual e sapiencial, centrada na *Lectio Divina*, dá lugar às *Quaestiones* e as *Summae* da escolástica, centrada no *intellectus fidei*¹⁵¹.

O Espírito é absorvido cada vez mais pela estrutura hierárquica e sacerdotal da Igreja que, por sua vez, também absorve as estruturas temporais. Valores eclesiais, caros à Igreja primitiva, como a participação de todo o povo de Deus na recepção da fé, na liturgia, no governo, na eleição dos bispos, progressivamente desaparecem junto com a teologia dos carismas, da Igreja local e sua autonomia, perdendo-se toda sua riqueza pneumatológica¹⁵². Na Igreja primitiva o papa é vigário de Pedro e o Espírito Santo é o Vigário de Cristo¹⁵³.

No decorrer dos séculos a hierarquia se absolutiza a ponto de se identificar com a totalidade da Igreja: A hierarquia é a Igreja e a Igreja é o Papa. O

¹⁴⁷ Quando o cristianismo torna-se a religião oficial do Império Romano.

¹⁴⁸ CODINA, V. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 84.

¹⁴⁹ Cf. Id. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 20.

¹⁵⁰ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 38.

¹⁵¹ Cf. *Ibid.*, p. 43.

¹⁵² Cf. *Ibid.*

¹⁵³ Cf. Id. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 16.

sacramento da ordem divide a Igreja em grupos contrapostos. De um lado estão os que têm poder para ensinar, administrar os sacramentos e mandar, e de outro, os que têm a missão de obedecer, calar e deixar-se conduzir como dócil rebanho¹⁵⁴. Não é difícil imaginar as consequências desse reducionismo.

A palavra *Igreja* equivale à instituição, à estrutura, à hierarquia, ao papa, aos bispos e presbíteros. “O papa como vigário de Cristo e de Deus, é o Senhor de todo o mundo criado”¹⁵⁵. Essa linguagem é ambígua e gera confusão e inversão de valores. Não se pode identificar Igreja, nem o Reino de Deus com a hierarquia. A Igreja está sob a força e a inspiração do Espírito (LG 4). A doutrina e a prática da *recepção* supõem um corpo eclesial ativo e participativo, todo animado pelo Espírito, que suscita uma Igreja em comunhão trinitária e em permanente dinamismo profético a serviço do Reino¹⁵⁶.

Estamos diante de uma eclesiologia fundamentada exclusivamente no princípio da encarnação, que se entende apenas como um prolongamento de Cristo¹⁵⁷. Nesse horizonte, a Igreja torna-se terrena demais. A dimensão pneumatológica se reduz ao âmbito da vida devota e privada¹⁵⁸. Só uma visão da Trindade como comunhão de vida e amor, que mantêm a peculiaridade hipostática das Pessoas divinas, pode inspirar uma eclesiologia colegial¹⁵⁹.

A verdade da fé é fruto de uma comunhão, de uma experiência colegial de Deus. O sujeito da fé é o *nós*, não o *eu*¹⁶⁰. A revelação foi feita ao povo e a verdade não é exclusividade de um grupo eclesial. Os fiéis gozam do *sensus fidei*, do sentido da fé, pelo qual, a Palavra, com seu dinamismo próprio, germina no coração daqueles que creem, daqueles que foram ungidos pelo Espírito, o qual os ensina interiormente, gerando o *sensus ecclesiae*. O consenso dos fiéis dá autenticidade à fé (1Jo 2,20-27).

A Igreja, no Concílio Vaticano II, inicia o processo de descentralização, mas, segundo Codina, ainda é insuficiente. O Oriente mantém a colegialidade original, respeitando as Igrejas locais e integrando o laicato com os seus carismas próprios.

O esquecimento do Espírito na economia salvífica empobrece o dinamismo do Reino ao substituir a liberdade profética, a divinização da humanidade, a

¹⁵⁴ Cf. *Ibid.*, p. 17.

¹⁵⁵ Id. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 103.

¹⁵⁶ Cf. Id. *Op.cit.*, p. 17.

¹⁵⁷ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 44.

¹⁵⁸ Cf. J. RATZINGER *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 44.

¹⁵⁹ Cf. H. MÜHLEN *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 44.

¹⁶⁰ Cf. CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.*, p. 69.

maioridade do laicato e o nascimento da nova criatura, pela instituição hierárquica da Igreja colocada em termos de obediência e submissão¹⁶¹.

O magistério, distante do povo, já não lhe fala mais, dirige-se apenas a uma minoria seleta e culta. Falar a um *pequeno rebanho* só tem sentido quando se refere ao *rebanho dos pequenos*¹⁶². A identificação da Igreja com a hierarquia é a razão central do mal estar eclesial que hoje se experimenta¹⁶³.

Uma das *duas mãos* de Deus está escondida, segundo Comblin, enquanto a outra exerce o monopólio, provocando um desequilíbrio teológico¹⁶⁴. Diante dos descompassos teológicos é necessário renovar a fé no Espírito de liberdade (2Cor 3,17) e de verdade (Jo 14,17). Derramado sobre toda carne, permanece com o povo (Jo 14,17), dá segurança e faz penetrar o mistério Pai¹⁶⁵.

Apesar de esquecido, sua ação não deixou de fecundar a vida da Igreja e suscitar movimentos proféticos em cada tempo. Se na época da cristandade foi predominante a eclesiologia hierárquica, a tradição profética não deixou de trazer à luz a dimensão pneumatológica da Igreja.

A insuficiente Pneumatologia na Igreja latina é a razão principal da separação entre o Oriente e o Ocidente, ocorrida no século XI. As diferenças que os enriquecem, em uma comunhão dialética, chegam ao fim com a decisão da Igreja latina de unificar a eclesiologia a partir de Roma, desconsiderando a pluralidade eclesial de comunhão vivida na unidade da fé, especialmente pelo Oriente.

A ruptura acentua o cristomonismo latino e a ortodoxia perde a dimensão de unidade e catolicidade que Roma assegura. Codina fundamenta essa ruptura nas diferenças atribuídas ao papel da pneumatologia, constituindo-se em um clamor profético para que se volte à eclesiologia das origens¹⁶⁶.

2.6.3. O Concílio Vaticano II abre as janelas

No contexto de uma Igreja centralizadora e hierárquica, João XXIII inaugura o Concílio vaticano II com um discurso que fala daquela disposição interior necessária para *abrir as janelas* e novos ares refresquem a Igreja.

¹⁶¹ Cf. Paul EVDOKIMOV. *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 45.

¹⁶² Cf. METZ, J. *Apud* CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.* Santander: Sal Terrae, p. 70. Colección: Teología y mundo actual, 43.

¹⁶³ Cf. CODINA, V. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 16.

¹⁶⁴ COMBLIN, J. *Apud* CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.*, p. 76.

¹⁶⁵ CODINA, V. *Teología y experiencia espiritual.*, p. 76.

¹⁶⁶ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 47.

Codina o entende em referência ao Espírito e, de fato, o Concílio Vaticano II foi uma irrupção do Espírito na Igreja, um verdadeiro Pentecostes¹⁶⁷, fruto daquele que sopra onde quer (Jo 3,8). O Espírito é o ar, o vento, o sopro de Deus que fecunda e dá vida (Gn 2,7; Sl 104,3; Jo 20,22; At 2,2)¹⁶⁸, que irrompe lentamente na dinâmica dos caminhos e descaminhos da história.

Surpreendentemente, o Espírito age no reverso da história. De quem não se esperava mais do que um papado de transição vem a intuição que deflagra uma revolução eclesial e marca uma nova era na Igreja¹⁶⁹. Movido pelo Espírito, João XXIII recolhe as intuições dos movimentos de renovação pré-conciliar e, com um gesto profético, convoca o Concílio que *abre as janelas* da Igreja e deixa o vento do Espírito remover toda a poeira que o tempo acumulou em seu interior.

O Espírito de vida e de liberdade impulsiona a história e a humanidade na realização do Reino de Deus. A instalação do Concílio se dá no contexto da modernidade, da qual a Igreja se defende, revelando sua dificuldade em acolher a novidade do Espírito que nem sempre se manifesta em seu interior¹⁷⁰.

O modernismo, que traz intuições válidas sobre a experiência religiosa, a captação da verdade da fé, a necessidade de renovar os métodos teológicos, a insuficiência de uma visão jurídicista da Igreja, a importância da dimensão subjetiva e afetiva da fé¹⁷¹, também reivindica uma pneumatologia que prepara o terreno para o surgimento de diversos movimentos renovadores que, animados pela ação silenciosa do Espírito, “constituem a base, o húmus do que haverá de florescer na primavera eclesial do futuro Concílio”¹⁷².

Os movimentos proféticos que surgem nesse contexto recuperam as origens da Igreja e se abrem à modernidade. O *movimento bíblico* retoma a Escritura com novo rigor científico; o *patrístico* redescobre a riqueza teológica, pastoral e litúrgica dos Santos Padres; o *litúrgico* traz de volta a celebração viva do mistério pascal por toda a assembleia; o *catequético* se inspira na tradição antiga; o *teológico eclesial* volta à eclesiologia da Igreja primitiva, entendida como Povo de Deus, Corpo Místico de Cristo e Mistério de Comunhão, em que a dimensão cristológica, pneumatológica, institucional e carismática se reúnem, se enriquecem e se complementam mutuamente¹⁷³.

¹⁶⁷ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 141.

¹⁶⁸ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 51.

¹⁶⁹ Cf. Id. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 167.

¹⁷⁰ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 53-54.

¹⁷¹ *Ibid.*, p. 54.

¹⁷² Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 141.

¹⁷³ *Ibid.*, p. 141-142.

Na abertura aos sinais dos tempos modernos, destacam-se outros movimentos. O *ecumênico* refaz a unidade eclesial; o *social* se volta às questões operárias e dos pobres; o *laical* reivindica sua maioria e autonomia e questiona o clericalismo; a *abertura da teologia ao mundo moderno* busca dialogar com as ciências humanas e com as outras áreas do conhecimento, bem como as diversas realidades terrenas.

Sustentado por uma teologia em permanente tensão dialética, este grande movimento revela a ação do Espírito que subjaz ao húmus humano e eclesial, conduzindo a preparação e a realização do Concílio como “uma volta às origens e uma abertura ao mundo moderno”¹⁷⁴, que define uma visão mais positiva e histórica da teologia e da Igreja, cheia de sinais da presença misteriosa, ativa, anônima e desconcertante do Espírito¹⁷⁵.

O Concílio Vaticano II opera uma mudança de paradigma ao passar de uma matriz tradicional para a matriz moderna, com a volta à tradição primitiva e a abertura aos sinais dos tempos. João XXIII convoca o Concílio em perspectiva pneumatológica, muito clara em seu discurso inaugural.

No que se refere à iniciativa do grande acontecimento que nos tem congregado aqui, basta, a simples título de orientação histórica, revelar uma vez mais nosso humilde testemunho pessoal daquele primeiro momento em que, de improviso, brotou em nosso coração e em nossos lábios a simples palavra concílio ecumênico. Palavra pronunciada ante o sacro colégio dos cardeais, naquele felicíssimo dia 25 de janeiro de 1959, festa da conversão de São Paulo, em sua Basílica de Roma. Um toque inesperado, um feixe de luz do alto, uma grande suavidade nos olhos e no coração, mas, ao mesmo tempo, um fervor, um grande fervor que com surpresa despertou em todo o mundo à espera da celebração do concílio¹⁷⁶.

Essa perspectiva foi determinante na configuração do Concílio que inicialmente se quis dogmático, mas que durante a sua celebração foi delineando-se mais como um evento de natureza pastoral e eclesial, conforme veremos a seguir.

2.6.4. A pneumatologia na Igreja do Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II realiza uma reversão eclesiológica, segundo o autor. Com a volta às origens bíblicas e patrísticas, supera a perspectiva

¹⁷⁴ Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 56.

¹⁷⁵ Cf. Id. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 15.

¹⁷⁶ Discurso inaugural do papa João XXIII *Apud* CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 56-57.

crisomonista¹⁷⁷, recupera a sua dimensão trinitária, em estreita relação com o plano de salvação do Pai (LG 2), com a missão do Filho (LG 3) e do Espírito Santo (LG 4), visibilizada como “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4)¹⁷⁸.

A revalorização das realidades terrenas, o diálogo com o mundo moderno, a redescoberta da experiência comunitária que rompe com a visão individualista do homem e da fé, a volta à Palavra que possibilita a reaproximação ecumênica com a Reforma Protestante e o ressurgimento do Espírito que aproxima o Oriente¹⁷⁹, sintetiza a riqueza conciliar. Sua força pneumática é medida pela superação do modelo eclesial de cristandade e o resgate da Igreja de comunhão¹⁸⁰.

De fato, o Concílio dá um novo rosto à Igreja. A uma eclesiologia triunfalista proclama-a servidora da humanidade (GS 40-43), seguidora de Jesus pobre e humilde (LG 8), a caminho da escatologia plena (LG 48-51), atenta aos sinais dos tempos (GS 4. 11.44), semente do Reino na terra (LG 5).

A uma Igreja clerical, reintroduz o conceito bíblico de Povo de Deus, que não só se alimenta da Eucaristia e da Palavra, mas possui uma diversidade de dons e carismas do Espírito (LG 12), complementando com a doutrina da sacramentalidade e da colegialidade episcopal (LG 21-22). Ao juridicismo eclesial propõe a ministerialidade (LG 1) de uma Igreja trinitária que nasce do Pai, é animada pelo Espírito (LG 4), reflete a luz de Cristo (LG 1) e se manifesta na multidão reunida na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo (LG 4)¹⁸¹.

Toda mudança eclesial supõe mudança teológica e o Concílio faz a passagem de uma Igreja entendida como sociedade perfeita para uma Igreja sacramento universal de salvação, sacramento da unidade com Deus e entre os homens, sinal e instrumento da salvação de Deus na história. Isso comporta afirmá-la como mistério de salvação, parte do plano trinitário de salvação do mundo em Cristo, presente na história como Povo de Deus e sinal do Reino¹⁸².

O Espírito que unge Jesus Cristo agora vivifica a Igreja (LG 8). É o próprio Cristo que enche a Igreja com o seu Espírito (LG 9), faz com que todos, ungidos

¹⁷⁷ Crisomonismo - *Christos* (Cristo) *monos* (só, unicamente) - expressa o primado e a unicidade da mediação de Cristo na salvação do homem, relacionando a Igreja unilateralmente a Jesus Cristo como seu fundador e princípio de vida e desconhecendo a função carismática e constitutiva do Espírito Santo.

¹⁷⁸ Cf. CODINA, V. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 57.

¹⁷⁹ Cf. Id. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 169.

¹⁸⁰ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 143.

¹⁸¹ Cf. Id. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, pp. 170-171.

¹⁸² Cf. *Ibid.*, p. 171.

pelo mesmo Espírito (PO 2), Cabeça e membros, participem do mesmo Espírito (LG 7), vivificando-os, unificando-os e movendo-os como princípio da vida¹⁸³.

O Concílio reconhece a presença vivificante do Espírito na Igreja que a enriquece de dons, a rejuvenesce e a conduz à união plena com o Senhor (LG 4)¹⁸⁴. Codina destaca ainda duas dimensões pneumatológicas que o Concílio recupera, como o sentido da fé dos cristãos e a teologia dos carismas.

O Espírito dado ao Messias, e por Ele aos fiéis, dá *espírito e vida* às palavras de Jesus e nos fiéis produz a ciência de todas as coisas. Ungidos pelo Espírito da Verdade, os fiéis possuem um Mestre Interior (1Jo 2,20.27) que os ensina, suscita o sentido da fé, faz aderir e praticar a fé recebida fielmente (LG 12,1). O sentido da fé é o fundamento último da *recepção*.

O Concílio retoma o tema dos dons e carismas, buscando em Paulo a força do Espírito que edifica a Igreja, distribuindo seus dons e carismas, conforme lhe apraz (1Cor 12,7.11); dons e carismas que se manifestam na estrutura eclesial e sacramental, mas também dons e carismas não hierárquicos, que recuperam a dimensão ativa do povo de Deus, confirmam o profetismo dos leigos e fundamentam a teologia da vida religiosa¹⁸⁵.

A teologia da Igreja local também está fundamentada na ação do Espírito, que distribui dons e carismas às pessoas, comunidades, lugares e culturas¹⁸⁶, suscitando uma Igreja universal fruto da comunhão de igrejas, daquele princípio de comunhão e vida que a renova e a santifica continuamente (LG 13; 25; 49; AG 19; UR 2.6).

O Concílio reconhece que o Espírito atualiza a compreensão da Palavra de Deus (DV 8; 23), suscita iniciativas e vocações para a vida religiosa (LG 44-45), se antecipa em iniciativas missionárias ao impelir a humanidade ao amor de Deus (AA 29), impulsiona o ecumenismo (UR 1; 4; 24), atua nas comunidades cristãs (LG, 15; UR 3.4; PO 22), é a força misteriosa, presente na história da humanidade, captada de diversos modos pelas religiões (NA 2)¹⁸⁷.

A liturgia renovada evidencia a centralidade da ação do Espírito na comunidade cristã pelas epicleses eucarísticas e sacramentais e a invocação frequente do Espírito na liturgia.

Enriquecida com as contribuições pneumatológicas desse Concílio, a Igreja vive um novo tempo em que o diálogo, o respeito e a comunhão estão

¹⁸³ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, pp. 57-58.

¹⁸⁴ Cf. Id. *Sentirse Iglesia en el invierno eclesial.*, p. 15.

¹⁸⁵ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 58.

¹⁸⁶ Cf. *Ibid.*, p. 59.

¹⁸⁷ Cf. *Ibid.*

mais presentes. Ela aceita o novo sujeito social, abre-se ao diálogo ecumênico, à liberdade religiosa e ao respeito pela autonomia do mundo criado¹⁸⁸. No entanto, o Concílio não foi capaz de assumir o sujeito social popular que irrompe na história e se constitui em uma crítica ao capitalismo e à religiosidade desencanada, individualista, insensível à dimensão social, e que será o novo sujeito da eclesiologia latino-americana de Medellín e Puebla¹⁸⁹.

Paulo VI recomenda que se acrescente à cristologia e à eclesiologia um estudo e um renovado culto do Espírito Santo, como complemento indispensável ao ensino conciliar (DEV 2).

Para João Paulo II, o Concílio Vaticano II constitui uma dádiva do Espírito à sua Igreja, permanecendo um evento fundamental para compreender a história da Igreja na passagem milenar e, sobretudo, para verificar a presença permanente do Ressuscitado ao lado da sua Esposa no meio das vicissitudes do mundo¹⁹⁰.

2.6.5. O profetismo na história da Igreja

Que a Igreja é assistida pelo Espírito se verifica nos profetas, suscitados nos momentos críticos para encarnar sua palavra exortativa e reivindicar o direito dos pobres e a fraternidade autêntica¹⁹¹.

O Espírito que guia a vida messiânica de Jesus é derramado sobre a Igreja primitiva, possibilitando-lhe testemunhar a fé em tempos de perseguição, conflitos e injustiça. O Espírito em todo tempo e lugar ilumina a Igreja e o mundo com o testemunho de tantos homens e mulheres que trazem em seus corações o sinal do amor a Deus e ao próximo.

A ambiguidade de uma Igreja vinculada ao Império Romano faz com que o Espírito suscite um movimento profético, com suas peculiaridades em cada tempo e lugar, no qual a força do Espírito impulsiona pessoas e movimentos a renovar a Igreja, em vista de um “cristianismo mais escatológico e livre, mais puro, como uma reforma e crítica à Igreja”¹⁹². “A utopia do Reino, a transfiguração do mundo, o testemunho e a profecia estão intimamente unidos

¹⁸⁸ Cf. Id. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 174.

¹⁸⁹ Cf. *Ibid.*, p. 174.

¹⁹⁰ Cf. JOÃO PAULO II. Discurso no encerramento do Congresso Internacional sobre a atuação dos ensinamentos conciliares, em 27.02.00. Disponível em: <<http://beinbetter.wordpress.com/2009/05/10/a-atuacao-dos-ensinamentos-conciliares>>. Acesso em: 17.10.11.

¹⁹¹ CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 227.

¹⁹² Cf. Id. *Los caminos del Oriente Cristiano.*, p. 15.

pelo mesmo Espírito¹⁹³, que vai completando de forma criativa e corrigindo profeticamente as opções eclesiológicas de cada tempo¹⁹⁴.

A experiência *monacal* surge como uma forma de contestação à cristandade nascente. Homens e mulheres, dominados pelo desejo de purificar a sociedade cristã, se dirigem ao deserto, inspirados na comunidade primitiva de Jerusalém, na vida apostólica, no heroísmo dos mártires, e vivem a radicalidade evangélica no exercício da pobreza, da penitência, da ascese, da oração, do trabalho e da solidariedade com os mais pobres¹⁹⁵.

De fato, quando o cristianismo se acomodou, o Espírito suscitou a vida eremítica e monástica, que ao se acomodar nos mosteiros, faz o Espírito suscitar o movimento mendicante. Estes, também se cansam e caem nas armadilhas da tibieza, e o Espírito suscita as reformas que geram as Congregações Apostólicas modernas¹⁹⁶. O Espírito prossegue renovando todas as coisas.

A *interpelação que vem do Oriente* surge no contexto da Reforma Gregoriana¹⁹⁷ (séc. XI) que absolutiza a centralidade eclesial romana e a supremacia régia papal. Enquanto a sede romana se ocupa com seus poderes, espiritual e temporal, a pneumatologia desaparece¹⁹⁸. O Oriente, fiel às origens bíblicas e patrísticas, “compreende a Igreja como mistério, o céu sobre a terra, Igreja litúrgica que realiza a divinização do ser humano e a transfiguração do mundo”¹⁹⁹.

Nesse horizonte, acentua a dimensão pneumática e a comunhão, que se expressa entre as igrejas locais e na pentarquia²⁰⁰. As concepções eclesiológicas ocidentais atingem o Oriente e determinam a ruptura definitiva, que leva a eclesiologia latina a acentuar a dimensão jurídica e política, enquanto o Oriente acentua a dimensão litúrgica e mística²⁰¹. Embora a abertura conciliar

¹⁹³ CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 227.

¹⁹⁴ Id. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 97.

¹⁹⁵ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, pp.132-133.

¹⁹⁶ CLAR. *Seguir Jesus: A vida no Espírito de Jesus Ressuscitado.* [S.l.:s.n.], v. 3, 2009, p. 19.

¹⁹⁷ Ao defender a liberdade da Igreja diante dos príncipes e dos senhores feudais, Gregório VII (sec. XI) centraliza a estrutura eclesial, faz desaparecer a eclesiologia da Igreja local, põe fim à participação dos fiéis na nomeação dos bispos e na vida cristã, divide a comunidade cristã entre clérigos e leigos. Tudo passa a depender de Roma, a Igreja é uma grande diocese e os bispos são vigários do papa, evidenciada na uniformidade litúrgica, na consolidação da cúria romana, na burocratização cardinalícia, na aparição dos legados papais. A Igreja se transforma numa sociedade em que o aspecto jurídico sobrepõe-se ao sacramental e perdura até o Concílio Vaticano II.

¹⁹⁸ Cf. CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, pp.133-134.

¹⁹⁹ Id. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, pp.98-99.

²⁰⁰ *Pentarquia* é o sistema eclesiástico baseado no comando de cinco patriarcas: Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém, com a primazia do bispo de Roma.

²⁰¹ Cf. CODINA, V. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 99.

retome esse diálogo, a voz profética do Oriente ainda ressoa no ocidente chamando-o a converter-se ao Espírito²⁰².

O *movimento dos leigos* surge no auge da Teocracia pontifícia (sec. XI – XIII), quando o papa deixa de ser vigário de Pedro e servo dos servos de Deus para ser Vigário de Cristo, Cabeça da Igreja, mediação entre Deus e a humanidade²⁰³.

O profetismo crítico e pneumático que se organiza em movimentos populares para repudiar o centralismo, o clericalismo, a secularização eclesial e renovar o rosto da Igreja que se confunde no tempo, sente a necessidade de retomar a Igreja das origens, pobre e simples, não clerical, fraterna e comunitária, que goza da liberdade do Espírito e vive o evangelho, antecipando a escatologia.

O *concliliarismo* (XIV-XV) contesta a concepção monárquica que descaracteriza a colegialidade eclesial. Reivindica a supremacia da autoridade do concílio ecumênico sobre o papa, conferindo-lhe a autoridade imediata e suprema de Cristo. Com o fortalecimento da instituição papal e a promulgação da sua Infallibilidade no Concílio Vaticano I (1870), o movimento desapareceu, mas seu profetismo, como semente que germina na noite escura, traz de volta a teologia da Igreja como comunidade, comunhão, congregação de fiéis, colegialidade, povo de Deus, infalível em sua fé e dependente de Cristo²⁰⁴.

A *Reforma* e a *Contrarreforma* surgem como um único movimento profético que o Espírito suscita para protestar uma Igreja decadente, governada pelo papa com poderes emanados diretamente de Deus, fortalecida mais como sociedade jurídica do que sacramental e pastoral.

As reformas querem devolver à Igreja seu rosto evangélico, voltar às origens cristãs, renovar a fé no mistério do Deus transcendente e misericordioso que nos salva em Jesus Cristo Crucificado, fiel ao Espírito²⁰⁵. Todos os movimentos que buscam reformar a Igreja a partir de dentro suscitam tensões que às vezes desembocam em rupturas, como aconteceu com Lutero.

Os *defensores dos índios e negros* surgem no contexto da evangelização e da conquista da América Latina, em defesa dos pobres de Jesus Cristo, dos “cristos crucificados”²⁰⁶. Hoje temos uma visão mais crítica e real da conquista, de seus interesses, da crueldade dos conquistadores, do genocídio, da

²⁰² Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p.134.

²⁰³ Cf. *Ibid.*, p. 134-135.

²⁰⁴ Cf. CODINA, V. *Para comprender a eclesiología a partir da América Latina.*, p. 101.

²⁰⁵ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 137.

²⁰⁶ Cf. Id. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 48.

exploração das riquezas, da destruição das culturas e das religiões nativas, da ambiguidade da evangelização em estreita relação com a conquista, entre a cruz e a espada, entre os missionários e os conquistadores²⁰⁷, entre “o anúncio de Deus Pai e de Jesus Salvador e a privação da liberdade, da cultura, dos bens, e da própria vida”.²⁰⁸ Porém, mesmo em situações controversas, a força do Espírito faz o seu caminho, suscitando vozes proféticas que denunciam toda a injustiça e buscam reverter a história²⁰⁹.

A *minoría conciliar* é uma voz profética que se fortalece no contexto do Concílio Vaticano I, como parte de um plano de reforma da Igreja, em torno do qual se definem duas grandes tendências: a oficial, que defende a infalibilidade e a exaltação da figura papal, e a *minoría conciliar*, que propõe uma eclesiologia mais sacramental e pneumatológica, uma Igreja de comunhão, vinculada ao mistério trinitário, que respeita mais a autonomia colegial do episcopado e considera a evolução histórica da Igreja e a liberdade pessoal e religiosa das pessoas²¹⁰.

O Concílio afirma a autoridade divina da revelação e confirma a eclesiologia hierárquica, proclamando a infalibilidade papal. Essa minoria, porém, continua na militância por uma estrutura mais comunitária e colegial da Igreja, que se realiza no Vaticano II ao definir a eclesiologia como mistério de comunhão e Povo de Deus.

A Igreja tem dificuldade para discernir e compreender os sinais dos tempos e deixar-se conduzir pelo Espírito que a renova continuamente. Ler a história com os olhos da fé é abrir-se à novidade que tudo renova. O Espírito “não suprime nem suplanta a missão de Jesus, mas a orienta, complementa e vivifica”²¹¹. Mantido na obscuridade, seu lugar tem sido ocupado pela Eucaristia, Maria e o Papa²¹², ou seja, pela Manjedoura, o Tabernáculo e o Vaticano²¹³.

O Espírito, que sopra onde quer, tece a história da Igreja (LG 4), a guia nos momentos sombrios, a mantém fiel à Palavra e à Memória de Jesus²¹⁴, suscita o profetismo que a acompanha no tempo com a função de manter viva a memória do Espírito entre os cristãos.

O Concílio Vaticano II recolhe as intuições dos movimentos proféticos ao longo da história, faz o caminho de volta às origens da Igreja, retoma a riqueza

²⁰⁷ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 138.

²⁰⁸ CODINA, V. *Para comprender a eclesiologia a partir da América Latina.*, p. 103.

²⁰⁹ Cf. Id. *No extingáis el Espíritu.*, p. 139.

²¹⁰ Cf. *Ibid.*, p. 140.

²¹¹ CODINA, V. *No extingáis el Espíritu.*, p.136.

²¹² Cf. PARE, Ph. *Apud CODINA, V. Creo en El Espíritu Santo.*, p. 49.

²¹³ Cf. FRIEDRICH, J. *Apud CONGAR, Y. Revelación e Experiência do Espírito.*, p. 209.

²¹⁴ Cf. CODINA, V. *Creo en el Espíritu Santo.*, p. 52.

da eclesiologia de comunhão e de Povo de Deus, e prepara o terreno para que a primavera eclesial desabroche²¹⁵.

²¹⁵ Cf. Id. *Para compreender a eclesiologia a partir da América Latina.*, pp.164-167.